

MARIA DA GUIA DE LIMA FERREIRA

"HISTÓRIA E VIDA":

**A INFORMAÇÃO E A FORMAÇÃO DO
HISTORIADOR ATRAVÉS DO ALUNO PROGRAMA
ESTUDANTE CONVÊNIO REDE PÚBLICA –
PEC/RP/UFCG**

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA
NOVEMBRO – 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

MARIA DA GUIA DE LIMA FERREIRA

“HISTÓRIA E VIDA”:

A informação e a formação do
historiador através do aluno Programa Estudante
Convênio Rede Pública – PEC/RP/UFCG.

Monografia apresentada ao curso
de Licenciatura em História da
universidade Federal de Campina
Grande.

Orientadora: Prof^a Maria Liége Freitas Ferreira

Campina Grande – Paraíba
Novembro – 2005



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

MARIA DA GUIA DE LIMA FERREIRA

MONOGRAFIA APRESENTADA EM ____ / ____ /2005

BANCA EXAMINADORA

Maria Liège Freitas Ferreira
Orientadora

Jose Ivonaldo Holanda de Almeida
Examinador

Herry Charriery da Costa Santos
Examinador

DEDICATÓRIA

A Deus.

Desde o início de minha caminhada sabia que tu estavas comigo.

Obrigado Senhor, por tudo. Durante esses anos passei momentos difíceis e tantas vezes pensei em recuar e até mesmo parar, mas tu estavas presente e me destes forças para seguir em frente.

Agradeço hoje e sempre por me ter permitido chegar onde cheguei e conquistar o que conquistei, pois sem tua luz não conseguiria jamais realizar os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Luis e Nita. Que acreditaram no meu sonho e contribuíram na minha felicidade, incentivando-me a prosseguir na vida independente dos obstáculos, o meu especial agradecimento. Amo vocês.

Ao meu esposo, Assis. Aos meus filhos Erick, Daisy e Ely, e ao meu netinho Igor. Agradeço o importante apoio, amor, compreensão, abdicção e sacrifícios que me foi dedicado nesta longa caminhada de estudos diários noturnos; de ansiedade (as vezes de tristezas) e de alegrias; vocês sempre estiveram perto para me apoiar e dizer levante a cabeça e siga em frente. Alegrem-se! Pois, os méritos desta vitória também são de vocês. Vos amo!

Aos meus irmãos, agradeço pelo carinho, amor e respeito que nos une, fortalece e alegria. E é por isso, tão precioso repartir com vocês essa vitória.

Aos mestres, uns são professores, alguns são mestres, poucos são homens. Aos primeiros escuta-se, aos segundos segue-se, aos últimos respeita-se. Muito obrigado por tudo!

Aos colegas e amigos, em especial a Mônica e Armando. A lembrança de todos vocês sempre estará presente em meu coração, em meu pensamento e, a cada instante, sentirei orgulho por suas amizades.

Aos gestores da escola que trabalho, Joandice e Magna. Pela compreensão e apoio moral que me concederam nos momentos mais angustiantes da realização desta monografia; na necessidade de me ausentar do trabalho para dar prosseguimento aos meus estudos. Meu muito obrigado!

E em especial a professora orientadora Maria Liège Freitas Ferreira que muito mais que mestra, foi minha amiga e repartiu comigo os seus conhecimentos, tornando a minha formação acadêmica um aprendizado de vida. Professora, nesta hora de alegria, jamais poderia esquecer que você me ajudou, me defendeu com muita garra para que eu chegasse onde cheguei. Compartilhou comigo do meu sofrimento, de minhas incertezas fazendo com que eu me levantasse antes mesmo de cair. Obrigado Liège de todo o meu coração por você ter me orientado, pela paciência, dedicação e dinamismo com que me ajudou a desenvolver e realizar este trabalho.

À banca examinadora, meu respeito e gratidão pela amizade, carinho e convívio.

“O valor das coisas não está no tempo em que elas duram, mas na intensidade em que elas acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis”

(Fernando Pessoa)

RESUMO

Nesta monografia procuro apresentar as múltiplas relações entre a história de vida e a formação de professores, suas dificuldades para com as exigências do século atual no tocante à profissão docente; os novos paradigmas educacionais; a ética profissional; os novos paradigmas educacionais; a subjetividade e as relações humanas, na trajetória de alunos do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande enquanto alunas conveniadas do programa Estudante Convênio Rede Pública PEC – RP/UFCG; uma vez que foi a partir desse convênio estabelecido entre Órgãos Estaduais e Municipais e essa IFES, que muitos professores, já atuantes no Ensino Fundamental e Médio ingressaram nessa Instituição de Ensino Superior na busca pela qualificação.

Portanto, o PEC –RP/UFCG em suas atribuições legais proporcionou a esses professores “leigos” a oportunidade de cursar uma Licenciatura; de se qualificar e dessa forma mais preparados para enfrentar o mercado de trabalho e contribuir para a melhoria na qualidade da Educação, da própria visão de mundo fosse mudada, tornando-se capaz mais de apreender a perceber a diversidade de saberes de nossa sociedade; capacitando-nos, ainda, para / na construção de uma cidadania para todos.

SUMÁRIO

RESUMO:

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 1

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

1- Seminários de formação e projetos educacionais 3

1.1 – Papel do professor para promoção da Qualidade /
Qualidade Total nas escolas 6

1.2 - O saber histórico na sala de aula 13

CAPÍTULO II

ENCONTROS COM A HISTÓRIA ORAL: O RELATO COMO SUBSTRATO DA MEMÓRIA

1 – Considerações teóricas 24

2 - PEC – RP/UFCG e o PEC-RP/ História/UFCG: Leituras
convergentes? Análise das Fontes (entrevistas) 29

CAPÍTULO III

CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA DO TEMA 43

CONSIDERAÇÕES FINAIS 47

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS 48

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A temática História e Vida: “A informação e a formação do historiador através do aluno Programa Estudante convênio Rede Pública”, em Campina Grande e cidades circunvizinhas, foi escolhida por mim como instrumento de monografia com a finalidade de apresentar as minhas experiências e de outras alunas do curso de História da UFCG, desde o nosso ingresso na mesma através do programa PEC - RP/UFCG, do ano de 1999, até o momento atual quando estamos chegando a etapa final dessa difícilíssima caminhada.

Propus-me a desenvolver esse tema porque me identifiquei muito com as disciplinas cujos conteúdos tratavam da questão de submissão da mulher na sociedade antiga, sua evolução na sociedade atual e sua formação profissional. Através de informações que fui adquirindo no decorrer do curso de História, apostei na idéia de que, sem compreender as permanências e mudanças das estruturas sociais e mentais, teria menos chance de interagir da sociedade da qual faço parte. Optei por continuar nesse curso, me tornar sujeita de meu próprio destino e construir minha história totalmente diferente daquela em que eu vivia inserida, antes de meu ingresso no curso de História. Trago enfim como objetivo principal dessa pesquisa, o prazer em demonstrar as mudanças que nós alunas PEC passamos a empreender após nossa vida acadêmica no curso de História da UFCG.

Como historiadora, os conteúdos trabalhados nos proporcionaram uma releitura de muitas práticas que antes do ingresso na universidade, achávamos naturais. Outrossim, nossa formação acadêmica não anulou nossa feminilidade e nossa habilidade no trato das relações afetivas.

Tenho plena consciência de que essa luta não foi fácil para a conclusão do curso de História; assim como para nossos colegas que continuam sua luta pela qualificação.

Contudo é necessário que tenhamos força de vontade perseverança e coragem para seguirmos na nossa formação como historiadores, adquirindo sempre as informações que contribuirão cada vez mais na difusão do conhecimento histórico e na importante tarefa de ensinar e aprender História. Quanto à importância desse trabalho para o curso de História, quero mostrar a participação e contribuição da mulher, aluna dessa instituição, ingressa pelo PEC - RP/UFCG, nos diversos segmentos sociais e em particular em sua vida profissional como educadora uma vez que antes de sermos estudantes já exercíamos a atividade de docente no ensino fundamental e médio. Essa aproximação entre os alunos do PEC - RP/UFCG (História) com a Universidade, só veio trazer melhorias para ambas as

partes, uma vez que já foi comprovado o bom aproveitamento desses estudantes, fruto também da colaboração dos que acreditam ser possível essa parceria entre o PEC - RP/UFCG (História), a Universidade e a sociedade.

CAPÍTULO I

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

1 – Seminário de formação e projetos educacionais

A coletânea de textos, ora apresentada resulta do persistente trabalho de historiadores que sentindo a deficiência no estudo, de história, resolveram escrever temáticas relacionadas as propostas de mudanças didáticas e a necessidade de reformulação nas instituições de formação de professores no momento atual.

Por isso esse trabalho é produto de uma linha de pesquisa iniciada em 1986, onde participaram os seguintes autores: RUZ (1998), MICOTTI (1998), FELDENS (1998), ASSMANN (1998), BITTENCOURT (1997), JANOTTI (1997) e SCHMIDT (1997).

Busquei, então elaborar nesta monografia uma temática que tratasse de forma clara e didática das questões relacionadas ao ensino de História no dia a dia da sala de aula, como também da urgente necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre a formação do professor da disciplina acima citada.

O professor Ruz, explicita as experiências obtidas em um seminário de Formação de Professores e em diversas pesquisas durante anos de estudo. Ele aborda questões que giram em torno de cinco eixos temáticos: o técnico e o prático na formação; a integração dos saberes; preparação para a participação social; a atitude teórico crítica e a prospectiva na formação de professores. (1998: pp 86)

Ao falar sobre o primeiro eixo, seleciona vários traços dominantes na formação de professores onde a problemática exposta abrange duas categorias capazes de organizar o universo pedagógico: do técnico e do prático, onde o ponto principal direciona-se na proposta de equilibrar esses dois espaços (técnico e prático) sem precisar privilegiar o técnico, pelo contrário, a questão é reinseri-lo no prático, colocando as estratégias e métodos a serviço do razoável. (1998: pp 89)

No segundo eixo, chama a atenção para a importância do equilíbrio entre os saberes cotidianos (ou da socialização) e os saberes elaborados (cultura erudita), pois acredita que no processo educativo, é necessário que o indivíduo tenha conhecimento da chamada cultura “universal” e a cultura do meio em que ele sempre viveu, isto é, do meio em que ele está inserido.

Fazendo uma breve comparação entre esses dois saberes, podemos perceber que é no saber “imediatos” que os problemas mais simples do cotidiano são resolvidos, enquanto

que no saber elaborado os problemas são construídos e ordenados de acordo com certas regras.

Cabe portanto ao professor, participar ativa e criticamente na busca de novos conhecimentos que depois serão repassados aos seus alunos de maneira mais segura com a finalidade de introduzir neles as mudanças necessárias para o desenvolvimento crítico, intelectual e reflexível; consciente de que é seu direito, participar como integrantes valiosos desta sociedade.

Sabemos que ainda existe pessoas marginalizadas, discriminadas ou pela força (quando é excluído por outras pessoas) ou quando nem ele mesmo é consciente de que tem direito também de participação da sociedade. Isso faz com que se forme um “mal estar”, principalmente na escola, uma vez que quando ela discrimina está descumprindo com a formação social que lhe foi confiada. Nesse caso, a culpa recai sobre o professor que em sua maioria ainda são tradicionais e valorizam muito os modelos (padrões) do que se deve ensinar a fazer e a saber.

Outro problema que permeia a educação diz respeito a formação de professores que adotam ainda teorias repetitivas que circulam sem a menor relação com a realidade e sem nenhuma qualidade no seu processo de formação, por isso torna-se necessário uma mudança nas atitudes teóricas dessas instituições formadoras. (1998: pp 97)

No quinto e último eixo, é focalizado as transformações realizadas atualmente em todos os níveis, em todos os tipos de atividades, algumas disciplinas e instituições que a partir de amplas mudanças passaram a receber novas orientações na educação, principalmente no que diz respeito as práticas utilizadas na formação de professores uma vez que na visão prospectiva, os docentes passarão a formar jovens para agir num mundo que ainda não existe.

Como podemos perceber, os cinco eixos teóricos apresentados nesse texto, formam a base para uma possível mudança na formação de professores e como consequência na formação dos alunos. É evidente que os temas que compõem os eixos acima citados só fazem sentido se trabalhados em conjunto, pois eles fazem parte de dimensões que dependem uma das outras para juntos formarem um conceito de formação com características próprias.

Nós professores da rede pública estamos de comum acordo quanto a importância do equilíbrio instalado na formação de professores e na educação, pois entre o texto e o contexto social não pode haver privilégios, isto é, a escola deverá receber todos os alunos sem escolha de cor, classe social ou credo.

No entanto percebemos a escassez do profissionalismo de alguns professores que caracterizam de forma negativa a nossa categoria, porém, acredito que as instituições formadoras, como foco principal na formação de professores, possa reverter essa situação fazendo com que bons educadores se preocupem em preparar seus discentes para a sociedade atual.

Sabemos que exercer a profissão de professor atualmente, faz parte de um desafio, pois além de não ser valorizada, é mal remunerada e quase sempre se observa o descaso das autoridades governamentais para com as escolas, que em sua maioria estão sucateadas, sem a menor condição de funcionamento. Por isso é de suma importância que se busque parcerias com outras instituições, mesmo que essa ajuda seja “interesseira” por parte dos empresários que visam lucrar com a mão de obra especializada para seus funcionários.

Essa problemática faz parte do discurso de Micotti que também chama atenção para a formação deficitária do corpo docente das escolas públicas, que de certa forma está contribuindo para uma educação de péssima qualidade. Porém quando se propõe uma capacitação nas escolas percebemos que a maioria dos professores resistem a esse intento, em parte porque estão bitolados ao método antiquado em que foram formados, ou por que ficam em dúvida quanto a veracidade da teoria apresentada pela equipe pedagógica. Sem contar que confiam mais na experiência que adquiriram ao longo de anos de profissão, que na modernidade do ensino atual.

Considerando a importância que a alfabetização tem para a formação do indivíduo é que a autora vai relatar sua experiência em um projeto de Leitura e Escrita no município de Rio Claro, quando se detectou problemas de aprendizagem em alunos da periferia. (1998: pp 104)

Inicialmente esse projeto atendeu um contingente de vinte professoras, todas habilitadas para o magistério e em especial em alfabetização, variando o tempo de serviço entre zero a vinte e três anos de trabalho. Vale salientar que durante o projeto, as professoras tiveram o acompanhamento da equipe pedagógica que as orientaram realizando reuniões, discussões, palestras e visitas a sala de aula. (1998: pp 105)

De acordo com o prazo estipulado para a experiência e os resultados obtidos, foi possível observar que em certos casos o projeto foi aplicado por completo e em outros só parcialmente de acordo com o grau de “dificuldades” encontrados nas participantes. Foi detectado também descaso por parte de alguns professores que praticamente ignoraram o valor dessa experiência, uma vez que toda mudança implica em fuga do cotidiano, no fazer

diferente e isso dá trabalho e por isso nem todos estão dispostos a aceitar o que é novo, o que precisa ser experimentado.

Na opinião de várias professoras, para que uma proposta de mudança na alfabetização possa ser implementada é necessário que ela seja bem clara e de acordo com o nível dos alunos. Também é importante a presença de uma boa equipe de coordenação pedagógica, conhecedora do projeto a ser implantado e bem entrosada com os professores a fim de incentiva-los nesse desafio de ensinar a ler e a escrever. Porém, todo e qualquer projeto seja ele de Leitura e Escrita, ou de outro conteúdo, só poderá ser realizado se tiver o aval dos professores. Eles é quem darão a última palavra sobre a aceitação ou rejeição de mudança na maneira de ensinar a alfabetização.

Diante do pressuposto podemos perceber que a análise das representações da prática do Projeto de Leitura e Escrita, com a intenção de melhorar o nível das classes de alfabetização, teve seus altos e baixos. Algumas professoras aceitaram a proposta como uma melhoria para elas e para o alunado. Outras olharam a proposta com desconfiança, preferiram analisar primeiro para depois resolver o que iam fazer e outras nem se quer avaliaram a proposta, preferindo permanecer com a experiência antiga.

O sucesso dos projetos de aprendizagem em Leitura e Escrita será maior se o professor provocar no aluno a vontade de aprender e de querer participar por inteiro da mudança. O professor deverá também está engajado e comprometido uma vez que é ele quem irá desenvolvê-lo nas turmas.

Tendo em vista a defasagem dos projetos educacionais, entre eles os que fazem parte do curso de História é que vários historiadores, entre eles Ruz e Micotti, concordam quanto a necessidade de uma possível mudança na formação de professores a fim de implementar melhoria no projeto de vida de seus alunos como estudantes e como cidadãos, independentes da idade cronológica e do grau de instrução de cada um.

Assim como Ruz e Micotti, também observo no meio dos profissionais de educação, existe aqueles que têm vontade de melhorar sua qualificação e os que se acomodam, ignorando o valor e a importância dos cursos de capacitação para sua formação intelectual e profissional.

1.1– Papel do professor para promoção da Qualidade/Qualidade total nas escolas

Na visão de Feldens o papel do professor é muito importante para a promoção de uma escola de qualidade, pelo menos para os alunos que a ela têm acesso.

Porém enquanto os governantes do Brasil de um modo geral, não atentarem para a importância da educação na formação do indivíduo, enquanto o descaso com a mesma persistir e a sociedade por outro lado não se unir com a escola para fazer um trabalho em comunidade, a educação brasileira continuará defasada e excludente, isto é, com reduzido número de vagas para atender uma eventual quantidade de estudantes que desejam ingressar na escola.

Isso de certa forma está causando sérios problemas ao sistema educacional pois a escola pública é motivo de críticas severas que denigrem a sua imagem e faz com que os jovens de hoje percam um pouco o interesse pelos cursos de formação de professores e se especializarem em profissões bem mais remuneradas.

Vários outros problemas, dificuldades e desafios foram apontados como “frequentes” nos discursos expressos em congressos, na literatura acadêmica e que fazem parte das preocupações do dia-a-dia das instituições formadoras brasileiras. São eles: o baixo “status” da educação de professores, o desprestígio desses cursos de formação, a incapacidade dos professores em aproximar a teoria e sua prática pedagógica, informações precárias sobre a função dos professores especialistas para diversas disciplinas, necessidade do trabalho em conjunto das escolas com associações, sindicatos e da própria família, além dos baixos salários de educadores.

No entanto, um professor competente na sua profissão, irá com certeza ter a habilidade e inteligência para superar todos os tipos de problemas que por ventura surgirão ao longo de sua jornada de trabalho, quer seja de ordem intelectual, social e financeira, como também ter a sabedoria para lidar em seu dia-a-dia com as dúvidas, dificuldades e embates apresentados no decorrer das aulas.

Os mais experientes deverão auxiliar os novatos, fornecendo aos mesmos a oportunidade de conhecer várias referências do que se passa no cotidiano escolar, tanto no ponto de vista teórico, como no prático.

Colocando em pauta a atual situação em que se encontra as instituições educacionais e formadoras de profissionais nesta área, torna-se de grande importância que se busque parcerias e cooperações de outras entidades no sentido de melhorar a educação de nosso país, uma vez que os poderes públicos releva a segundo plano a problemática

existente na nossa educação. É preciso melhorar a educação dos educadores do terceiro milênio, por que o mundo todo está se transformando e só a educação está estática, andando a passos lentos e tudo por causa do descaso com as políticas educacionais.

Hoje em dia percebe-se que os programas de formação de professores têm um tempo mínimo de duração e por isso mesmo os profissionais que são lançados no mercado de trabalho chegam as escolas tão sem experiência, sem domínio dos conteúdos e da turma. Eles não foram treinados para o dia-a-dia da sala de aula, apenas conseguiram um diploma de professor, então se revelam péssimos disciplinadores em turmas numerosas que é a realidade das escolas públicas. Se o professor nesse caso não tiver perseverança, dedicação e humildade para pedir ajuda aos colegas, ele desiste da profissão logo nos primeiros anos de experiência.

Ao analisar os autores já citados, podemos perceber que Ruz, Micotti e Feldens estão de acordo quanto a problemática da deficiência dos profissionais de educação, causadas em parte pela falta de qualificação profissional. Todos eles observaram a importância de uma boa formação de professores para o campo educacional, porém cada um deles analisa a precariedade do sistema de ensino brasileiro sob um ponto de vista pessoal, isto é, dentro das teorias que defenderam. (1998: pp. 87)

Ruz afirma que cabe ao professor participar ativa e criticamente na busca de novos conhecimentos que repassarão aos seus alunos, seja em cursos preparatórios ou em busca de métodos mais atuais que valorizem todas as culturas e formem indivíduos para a sociedade atual. No entanto não se refere aos poderes governamentais como causadores da defasagem das instituições educacionais e dos profissionais de educação.

O autor acima citado foi muito feliz quando se reportou a necessidade de participação do professor em adquirir mais conhecimentos, pois se o professor não estiver seguro na sua disciplina, os alunos passarão a não confiar no trabalho desse professor. No entanto, fica evidente que ele cometeu um lapso ao deixar de criticar o descaso dos poderes governamentais com relação à educação. (1998: pp. 91)

Micotti e Feldens percebem que os poderes públicos não oferecem condições necessárias para o funcionamento das instituições escolares uma vez que as mesmas não dispõem de materiais didáticos necessários e equipamentos básicos (carteiras) para atender a todo seu alunado.

A questão salarial também foi abordada por essas duas autoras como sendo um grave problema para o bom desempenho do profissional que não tem condições de investir

na sua profissão, comprando livros atualizados e materiais de apoio, como também participando de seminários e capacitações que com certeza só beneficiaria sua clientela.

Enquanto Micotti se reporta mais em seu texto a questões relacionadas com o analfabetismo no Brasil e a dificuldade de alfabetizar pessoas adultas, Feldens insiste que toda escola, seja ela para criança, jovens ou adultos, tem que fazer parceria com a comunidade, e a família para que se possa implantar na instituição escolar uma educação para todas as idades e classes sociais a fim de formar cidadãos críticos e participativos em sua comunidade. É justamente nesse ponto que Feldens percebe a importância da formação de professores, visto que ele é a peça principal na transformação de sua clientela.

Como profissional de educação no serviço público, já me deparei com escolas que não possuíam a menor condição de funcionamento, pois suas salas de aula eram superlotadas e sem carteiras suficientes para todos os alunos. Isso causava revolta nos mesmos que se recusavam a assistir aulas de pé e voltavam pra casa. Diante do exposto, tenho a mesma opinião de Micotti e Feldens quando se referem ao descaso dos poderes governamentais para com a escola pública.

Sob o ponto de vista salarial, posso afirmar com convicção que nós professores não temos condições de comprar com o pouco salário que ganhamos, materiais didáticos para melhorar nosso desempenho profissional, nem participar de capacitação para professores, se por acaso esses encontros se realizarem em outros municípios.

Todos nós desejamos uma escola de qualidade para os nossos filhos e para os nossos alunos, porém muito tempo se passou para que os termos “Qualidade” e “Círculos de Qualidade” tivessem uma grande ressonância.

Foi refletindo criticamente sobre esses padrões, que Assman nomeou algumas circunstâncias que cercam essa onda de Qualidade, identificando aspectos do contrabando ideológico desse fato. Só na década de 90 é que as organizações produtivas e governamentais começaram a se interessar por essa “onda”, uma vez que apesar do descaso na educação do nosso país, o discurso dessa temática tem um “que” de ideológico e um poder de mobilização impressionante.

Durante o socialismo real, a Qualidade/Qualidade total não era tão exigida porque não havia muita diversificação de produtos e por isso a ideologia da qualidade não teve grande importância a clientela.

Hoje o conceito de trabalho preza por capacidade e competência a fim de que haja melhoria dos produtos, serviços e processos de produção.

No contexto brasileiro, o autor assegura que o nosso país lentamente vai se inserindo na era da qualidade, apesar de ainda está submisso economicamente ao mercado global, o que faz com que essas ilhas de qualidade levem benefício apenas “para fora” ou melhore a qualidade de vida da minoria da população (a burguesia) que detém o poder econômico em suas mãos e ocupam espaços determinantes na sociedade civil, onde por meio da superioridade, da competência e da qualidade se afirmam cada vez mais na chamada iniciativa privada como é o caso da saúde e da educação.

Como consequência, os detentores do poder econômico vão avançando cada vez mais no mercado de trabalho, deixando para trás um rastro de exclusão uma vez que só será considerado cidadão quem possuir crédito na praça (os “bons pagadores”).

No teor humanista da retórica sobre a Qualidade, percebe-se que o movimento do discurso se move do enfoque “cliente como prioridade” para “ser humano como prioridade” sem nenhum problema, em termos amplos e gerais, demonstrando até certa sintonia entre o “cliente” e o “próximo” em geral.

Em outro momento a Qualidade total é vista como um processo de colaboração mútua, onde todos tem os mesmos “interesses”. Todos são trabalhadores do “conhecimento” na sociedade do conhecimento.

No entanto o emprego de questões relacionadas à qualidade na educação ainda são muito reduzidas e o discurso sobre essa onda só é compreendido por quem diz sim a economia de mercado, mesmo sendo esse mercado restrito.

Como a educação não faz parte da economia de mercado, é criticada por seus serviços prestados a clientela escolar por não possuir o elemento desencadeador do fator qualidade: a disposição de submeter-se aos interesses do empresariado (única via de acesso à qualidade de vida e plena cidadania de todos).

Um dos principais motivos do bloqueio do fator qualidade na educação está relacionado com a aceitação e rejeição da importância dos mecanismos mercadológicos no setor educacional. Outro motivo é: Como se imagina a implementação de metas sociais prioritárias no plano educacional.

Além dessas questões surge a problemática de como a educação é concebida pelas instituições públicas ou privadas. Na visão mais tradicional da economia capitalista, a educação, saúde, infra-estrutura, saneamento e energia fazem parte das tarefas sociais que não trazem rentabilidade direta ao capital, pelo contrário, geram despesas e por isso mesmo ficaram delegadas diretamente ao Estado. A visão do neoliberalismo é diferente neste

aspecto. O estado já não deve se sentir na obrigação de assumir sozinho as tarefas sociais, uma vez que o capital passa a ocupar de forma planejada o controle da sociedade civil.

Assman dá enfoque especial ao MEC (Ministério da Educação e Cultura) por sua brilhante atuação na parceria na Qualidade/Projeto educacional (Plano Decenal) que já foi iniciado com o objetivo de cumprir seus compromissos assumidos em eventos internacionais, cujo teor é melhorar a educação de base (não apenas para erradicar o analfabetismo) para, conseqüentemente preparar melhor a força de trabalho de acordo com as exigências de mercado, isto é, a prestação de serviço de “qualidade”.

Está claro que atualmente o empresariado prefere uma mão-de-obra mais qualificada e para isso estão investindo em projetos educacionais com a finalidade de incluir os “habilitados” e excluir obviamente os “não preparados” no mercado de trabalho.

Nesse momento a universidade e a indústria não medem esforços para melhorar a qualidade de vida do cidadão brasileiro. Para isso desenvolvem alternativas que proporcionem esse melhoramento, entre as alternativas apresentadas, o autor cita o Programa de Educação pela qualidade, que foi gestado com a intenção de mobilizar as comunidades para se fazer diagnóstico dos problemas existentes no seu interior e tentar solucioná-los da melhor maneira possível.

No entanto não se pode afirmar com certeza se a cruzada Qualidade/Qualidade total é um modismo passageiro ou se é algo que veio para ficar. Sabe-se apenas que a maior parte da educação é considerada um desastre, pois se a observarmos sob o ponto de vista ético-político-humanista veremos que ela deixa muito a desejar. Por esse motivo o fenômeno pretende empreender uma educação de qualidade para atender melhor os futuros cidadãos e para que isso aconteça é necessário que a cruzada Qualidade/Qualidade total seja um projeto duradouro.

Vale salientar que o código de Qualidade/Qualidade total também se insere na concepção de economia de mercado e tenta submeter a educação, a saúde e o emprego a critérios mercadológicos, deixando claro que os limites de mercado variam de acordo com as condições financeiras do cidadão (cliente), que interliga seu trabalho em educação com a finalidade de conseguir um melhor emprego e uma melhor condição de vida.

Os que de alguma forma deixaram de integrar-se no mercado, perdem a oportunidade de ser incluído por inteiro no mesmo. Quando muito podem ser aproveitados como “mão-de-obra” pelo mercado.

Diante do que foi exposto, fica evidente que a onda Qualidade/Qualidade total não foi gestada apenas para atender o mercado econômico. Ela se insere em vários segmentos

sociais, principalmente na educação, saúde e trabalho onde a busca pela qualificação é a porta de entrada para se conseguir um bom emprego e uma boa condição social, só que para que tudo isso aconteça, também é necessário uma boa formação educacional.

Por isso os autores observam a importância da formação dos profissionais de educação que apesar da falta de incentivo salarial lutam para melhorar o sistema educacional brasileiro que se encontra defasado a muito tempo.

Por esse motivo Micotti afirma que por toda essa problemática apresentada, o número de profissionais da área de educação está cada vez mais reduzido e os poucos que ainda restam não tem estímulo para se capacitar ou enfrentar algum curso universitário porque sua ascensão funcional não implica em quase nada no aumento salarial, então eles acham que não vale a pena, e resistem a essas mudanças.

Ruz não observa a educação sob o ponto de vista de Micotti, Feldens e Assmann, que apresentam a deficiência salarial e o sucateamento das instituições públicas como principais motivos do fracasso na educação brasileira. Para ele, independente do que está acontecendo no sistema educacional, cabe ao próprio professor buscar meios para melhorar seus conhecimentos e empreender as mudanças necessárias para melhorar seu conceito profissional e isso só será possível se ele estiver disposto a se capacitar nos cursos de formação de professores.

Feldens se aproxima do pensamento de Assmann na questão de Qualidade/Qualidade total. Só que enquanto Feldens se refere a uma melhor qualidade na escola, Assmann observa essa questão de qualidade, não apenas nas escolas e sim em todos os setores.

Por outro lado, Assmann, assim como Micotti, evidenciam que os clientes com um grau de instrução mais elevado, terão mais chance no mercado de trabalho, adquirindo com certeza os cargos mais elevados.

Com toda certeza o pensamento de Assmann e Feldens é verdadeiro. Hoje em dia com a falta de trabalho no mercado, que gera o desemprego, só conseguirá uma vaga em qualquer emprego, quem tiver um grau de instrução satisfatório juntamente com a comprovação de experiência.

Porém, com a escola que temos e o salário que ganhamos, fica difícil tanto para quem ensina como para quem estuda melhorar o seu grau de instrução, uma vez que mesmo cursando a universidade pública, o custo financeiro com as despesas de materiais implica em aumento no orçamento o que torna mais complicado a qualificação para o professor assalariado.

1.2 O saber histórico na sala de aula

A disciplina de História, é parte integrante no currículo e nos livros didáticos vinculados aos programas oficiais e percebidos como instrumentos de trabalho cada vez mais crescem em títulos. Porém, apesar de ser formadora de uma gama de conhecimentos históricos, tal disciplina há muito tempo vem sendo analisada por professores e historiadores sobre a necessidade urgente de resgatar a história do passado, e por outro lado, questionada por alunos sobre o “porque” de se estudar acontecimentos passados, quando para eles o que mais interessa são os fatos do presente.

Essa dicotomia de pensamentos dá margens a Bittencourt para abrir um leque de discussões acerca da produção do saber histórico na sala de aula e nas novas tendências do campo historiográfico e pedagógico. Portanto, nesse item, analiso o saber histórico nas atuais propostas curriculares da História, mostrando como esse saber deve ser ensinado na sala de aula e na relação professor aluno.

Antes do período militar as disciplinas de História e Geografia só existiam no currículo de algumas séries do segundo grau. Nas oito séries iniciais da escolarização, as duas disciplinas eram unificadas e ministradas como Estudos Sociais, mas foi só no final dos anos 70, com a “abertura democrática” que tais disciplinas se separaram e se tornaram específicas.

Na última década a proposta gestada não tem a intenção de modificar os métodos e técnicas do ensino de história nem fazer uma reformulação da mesma em separado, pelo contrário, é necessário que esta proposta seja elaborada em conjunto. Quanto as propostas que ordenam o conhecimento histórico, alguns temas geradores servem de base à introdução de eixos temáticos de história organizados previamente pelo professor de acordo com a realidade escolar. Desta forma, a inovação dessas propostas reside basicamente na flexibilização curricular para a organização dos conteúdos.

Para oferecer um ensino adequado às necessidades de seus alunos, a escola precisa saber o que quer, envolvendo a equipe e a comunidade na definição das metas. Por isso o currículo deve ser organizado de acordo com a necessidade do ensino e adaptado a realidade do aluno e do professor que com certeza contribuirá para que as aulas se tornem mais prazerosas, apesar de sua insatisfação com os poderes governamentais por causa do arrocho salarial. Vale salientar que em decorrência dessa problemática, o profissional de educação perde sua dignidade e seu prestígio uma vez que é responsabilizado pelo baixo nível de aprendizado dos alunos.

No entanto, as escolas públicas de hoje ainda estão desprovidas de todo e qualquer incentivo tecnológico que possa vir a auxiliar o aluno e o próprio professor de História que no caso utilizaria outros recursos para repassar de forma mais atraente o conteúdo de sua disciplina.

Há uma necessidade urgente do professor resgatar a história do passado, não porque o presente é menos importante mas sim, porque a sociedade atual é marcada por incertezas e perspectivas indefinidas; é uma sociedade que interessa-se mais pelo novo ou pelos acontecimentos recentes.

O ensino de História possibilita ao aluno reconhecer as sociedades de outras épocas e lugares; construir sua própria identidade e a identidade coletiva na qual ele está inserido. A medida que introduz também o conhecimento sobre o “outro” e uma “outra sociedade”, de diferentes momentos. É aí que entra o discurso da diferença, a construção do sujeito histórico e o transmissor do saber histórico na sala de aula e como peça fundamental na transformação ou na continuidade do ensino da história.

Como mediador de informações o professor deve fugir de propostas pedagógicas que ainda pendem-se aos modelos técnicos, as quais muitas vezes não articulam os objetivos da disciplina aos objetivos da sociedade. Todavia, impedem o aluno de construir suas necessidades sociais e culturais do público escolar, e a escola de desempenhar a sua função de agente capaz de formar a identidade nacional do seu alunado.

Com relação, Bittencourt nos diz que,

“A existência da História escolar deve-se sobretudo a seu papel formador da identidade nacional, sempre paradoxal, no caso brasileiro, uma vez que deveríamos nos sentir brasileiros mas antes de tudo pertencentes ao mundo ocidental e cristão”¹.

A construção de uma identidade nacional que tornou a disciplina de História obrigatória no currículo desde o século XIX, foi assunto de discussão e de redefinição dessa identidade nacional que agora seria vista por outro ângulo: o social, o econômico e o

¹ in. BITENCOURT (1997: Contexto pp. 17)

cultural do nosso país, como também a mundialização e as transformações do poder do Estado na nova ordem mundial.

Atualmente é de muita importância procurar saber mais sobre o conceito de identidade nacional nos aspectos sociais, econômicos e culturais, porque as sociedades modernas possuem diferenças entre si nos costumes e nas tradições culturais.

No Brasil, os objetivos das atuais propostas curriculares no ensino de História visam principalmente perceber a disparidade entre as diferenças sociais e as identidades regionais, não perdendo de vista o olhar essencial para se vincular a constituição da cidadania, e trazem como metas a contribuição para a formação do “Cidadão crítico” com relação a sociedade em que vive. O que ocorre com esses objetivos é o destaque especial da “Nova História”, que muito se esforça para fazer os alunos compreenderem o verdadeiro sentir-se “sujeito histórico” e sua contribuição para a formação de um cidadão crítico.

Enquanto professores de história devemos nos preocupar com a formação do pensamento crítico do aluno, especialmente quando tratamos do termo “cidadania” que hoje encontra-se, em vários textos, discursos acadêmicos e políticos destinados às questões educacionais. Também vale ressaltar que o conceito de cidadania, em muitas fontes destina-se mais a questões políticas, como a formação do eleitor, ou então informar sobre a questão de igualdade, de justiça, de lutas e conquistas de compromissos e de rupturas. Entretanto, pode-se perceber que ainda existem muitas dificuldades sociais, onde a relação entre a cidadania social e a política é muito forte, onde as pessoas ainda estão presas as amarras do estruturalismo que imobiliza as ações dos indivíduos na sociedade.

A maior parte das propostas pedagógicas concordam no ponto que diz respeito a superação da contagem do tempo histórico determinado pelo eurocentrismo e sua lógica de periodização baseada no sujeito histórico a partir da ótica européia e de uma história centrada nos modos de produção ou ainda com base no estruturalismo. Há muitos historiadores que insistem em explicar a história do Brasil através de conteúdos tradicionais, isto é, baseada no modo de produção e ou estabelecida pelo Capitalismo. Sobre, essa visão, o “descobrimento” ocorre no momento em que os europeus tentam transformar nossos nativos em grupos “civilizados”, moldados de acordo com o modelo ultramarino. Para que os que trabalham com os “modos de produção”, o descobrimento do Brasil se explica pela lógica do mercantilismo europeu. Nos dois pontos de vista o Brasil nasce na Europa, em Portugal, portanto nossa história nacional se origina no espaço central

do capitalismo emergente, assim seria como se o capitalismo tivesse presidido a construção do nosso espaço nacional.

Todos os marcos temporais desde a Idade Antiga até a Contemporânea foram presididos pelo capitalismo em sua construção, todavia, ele se apresenta como fator responsável por grandes transformações ocorridas no mundo. Essa questão do capitalismo é um assunto abrangente que faz parte de toda a história geral, é por isso que em seu texto, a autora Bittencourt fala sobre a necessidade de se colocar o capitalismo nas propostas curriculares da história.

Na verdade, torna-se problemático se fazer um estudo integral sobre os povos do continente americano e analisar a história brasileira e dos outros países periféricos ao capitalismo denominado central, porque é uma história cheia de dubialidades a respeito de sua identidade. Nesse aspecto a produção historiográfica ainda trabalha com lentidão, pois várias são as propostas curriculares que ao introduzir a história dos vencidos não estabelecem relações mais profundas entre dominados e dominantes, ao formar um novo discurso, o das subjetividades, as diferenças sociais que privam de pensar numa identidade coletiva. São essas questões que devem ser instruídas aos nossos alunos, para que eles se sintam responsáveis pela construção de sua própria identidade nacional e partir do discurso da diferença, que deu existência ao “outro” e do seu próprio discurso acerca da realidade passada e contemporânea do nosso país e da identidade coletiva na qual estão inseridos.

Citando Freire, vemos que,

“Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos homens que oprimem e dos que são oprimidos. Estes a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar consciência crítica da opressão na práxis desta busca”².

² FREIRE, Paulo. “Pedagogia do oprimido”. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987 p.p. 37-38.

Para a construção do saber histórico na sala de aula, deve haver tanto por parte do professor como por parte do aluno, o esforço em introduzir os personagens históricos e as classes sociais em sua própria subjetividade superando uma abordagem estrutural e constituindo esse saber histórico por meio de um processo no qual interferem o saber erudito, os valores contemporâneos, as práticas e os problemas sociais. Portanto, é importante que na busca do conhecimento, seja sobre o outro, ou uma sociedade, ou sobre diferentes momentos históricos o professor possa trabalhar de forma atrativa, com eixos temáticos baseados nos objetivos da sociedade; possa interagir a história econômica, política e cultural de épocas passadas com a história recente procurando analisar avanços e retrocessos o que existiu ou deixou de existir, o que foi silenciado e o que não pode silenciar na história da humanidade, mostrando sempre a importância e o “porque” de estudar o passado sem perder o interesse pelo presente. Porém, ao trabalhar nessa perspectiva, o professor deve ter o cuidado para não se utilizar de modelos de ensino ultrapassados, para não correr o risco de aceitar as mesmices dos discursos dos livros didáticos, para não cair no esquecimento do passado público nem da construção de sua própria narrativa; pois todo professor de história deve pensar criticamente e ter o olhar de “cientista social” capaz de explicar, decifrar e desmistificar a história passada e a de seu próprio tempo.

Dentre os mais graves problemas da escola brasileira podemos citar a desvalorização da História e a desqualificação do passado, feitos por muitos estudantes que preferem estudar só o que mais lhe agrada. Diante disso, é que os assuntos mais recentes passaram a ter mais prestígio, porque são repercutidos em todos os meios de comunicação que levam a despertar o interesse do público para pensar no presente que passa a explicar-se por si; enquanto que o passado corre o perigo de ser ignorado, de ser rotulado como fora de moda e/ou repassado através de discursos repletos de impossibilidades e inverdades.

No entanto, não devemos ignorar o passado público para que a história não deixe de ser explicada pela memória e pela vontade pública que levam a crítica e a construção de projetos futuros.

Ainda sobre essa lógica de pensamento, a autora Janotti citando o historiador Eric Hobsbawn, nos diz...

“A destruição do passado, ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas é um dos fenômenos mais característicos

e do final do século XX. Quase todos os jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso, os historiadores cujo ofício é lembrar o que todos esquecem, tornam-se mais importantes que nunca, no final do segundo milênio”³.

As palavras do historiador Hobsbawn encontradas, podem servir de temática para uma reflexão mais detalhada sobre os rumos que tomou o conhecimento e o ensino da história, diante da globalização econômica mundial.

O passado desqualificado ficou como experiência político-social a partir do século XX quando desvinculou nossas experiências das dos nossos antepassados.

Sobre esse ponto de vista a autora cita Dumerval Trigueiro Mendes que afirma:

“Os líderes educacionais precisam compreender que toda ação eficaz, sobretudo no mundo de hoje, é antes de tudo, a ação que muda a consciência, a própria e a dos outros”⁴.

O discurso historiográfico aqui no Brasil, também tomou forma de narrativas de um cotidiano despolitizado, sem vínculo nenhum com a própria consciência histórica, por isso passou a correr o risco de dividir-se e ficar presa ao círculo de sua própria prática. Dessa maneira, a história política passou a ser vista como retrato da ideologia dominante que oculta a verdadeira realidade.

As metas da globalização da economia, as relações entre os eventos e o poder da mídia, nos dias de hoje não estão fora da discussão epistemológica da história imediata, a mídia cria e interpreta os acontecimentos, repassando para o público uma visão acabada e superficial do fato acontecido.

A maioria do nosso povo despreza os acontecimentos políticos do passado, obscurecidos pela prioridade do nosso cotidiano. É justamente por ignorar o conhecimento

³ HOBBSAWN, Eric (1995) Era dos extremos. O breve século XX (1914-1991). Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das letras. pp. 13-70.

⁴ MENDES, Dumerval Trigueiro (1983). Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. pp 60-62.

dos nossos antepassados na política, que hoje permitimos aos nossos governantes se utilizar livremente de seu poder para agir como bem entender.

Tanto Bittencourt quanto Janotti elegem como parte principal de seus textos, a importância do ofício de historiador e o papel do professor no final do segundo milênio no sentido de evitar que os jovens alunos de hoje esqueçam a história de seus antepassados. Para que isso aconteça, nós professores, com certeza vamos trabalhar para preservar a memória nacional e evitar a amnésia da sociedade atual.

As duas autoras chamam a atenção para o perigo de se ignorar o passado público, uma vez que esse esquecimento também pode acarretar a perda da visão dialética da História, aumentando cada vez mais a indiferença de nosso povo pela política do presente.

Vivemos num mundo de constantes transformações onde o conhecimento torna-se cada vez mais fator diferenciador. Somos nós professores, responsáveis pela organização desses conhecimentos junto aos nossos aprendizes. Precisamos ter certeza de que o processo ensino/aprendizagem encontra-se em reformulação contínua diante das transformações sociais e do avanço tecnológico e científico.

Nos últimos anos a formação de professores de História vem ocupando um espaço cada vez maior por parte das Associações Profissionais bem como pela mídia e pelos estudiosos que de acordo com Schmidt, vem se debruçando sobre estas questões.

Apesar da boa vontade dos professores no sentido de empreender mudanças, as autoridades governamentais pouco ou quase nada fazem para beneficiar a educação. Tanto é verdade, que até hoje a lousa ainda é o único recurso utilizado na maioria das escolas públicas. E é neste contexto que a autora Schmidt analisa o significado da formação do professor, do seu dia-a-dia em sala de aula e do dilaceramento, embate e fazer histórico.

Geralmente os professores, entre eles o de história, ao terminar seu curso de graduação, além de exercer sua profissão no magistério, envolve-se em outras atividades paralelas que irão complementar a renda familiar, o que faz com que seu cotidiano se torne estressante e seu tempo de viver fragmentado, dilacerado pelas preocupações com o trabalho e a família.

Sem ter condições financeiras de se qualificar para poder acompanhar seus alunos, sedentos de uma aprendizagem mais moderna e atualizada, o professor fica inseguro quanto a sua maneira de repassar os conteúdos e de oferecer dados necessários para que eles possam participar do processo do fazer e de construir a história e isso não é muito bom para o professor que pode correr o risco de se tornar repetitivo.

O ideal seria que durante as aulas, o conhecimento histórico fosse ensinado com a participação dos alunos no processo de construir e elaborar o conhecimento da história e para isso é necessário que o professor repense sua metodologia e mude sua maneira de ensinar, mesmo sem ter condição de se qualificar.

Todas essas mudanças tem sido de grande importância para a aprendizagem dos alunos, uma vez que trabalhando com fontes concretas (documentos) poderão além de desenvolver o senso de observação e a descrição do espírito crítico, reduzir a intervenção do professor e diminuir a distância entre a história ensinada e a história escrita.

Atualmente o número de fontes informativas e de tecnologia são introduzidas em algumas escolas (por que nem todas tem o privilégio de possuí-las) e utilizadas de um modo em geral isoladamente, como é o caso dos livros, o vídeo, televisor, retroprojetor e computador, como recursos didáticos, ora para preencher a ausência do professor, ora para tornar as aulas mais atraentes.

Schmidt no entanto explicita que apesar das potencialidades das novas tecnologias, todo bom professor não deverá jamais abandonar os currículos e as práticas pedagógicas que antes eram utilizadas por ele. Pelo contrário, deve-se inseri-los em sua totalidade nas metodologias, estratégias, nos processos de avaliação e até mesmo nos equipamentos escolares.

Para que a prática de sala de aula na disciplina de História seja mais prazerosa é necessário enfrentar atualmente vários desafios no campo do conhecimento histórico. Portanto é dever do professor dar a sua contribuição no sentido de que os educandos saibam interpretar a sociedade atual, olhando para si e ao seu redor, com olhos de historiador, resgatando as lutas, os anseios e frustrações, os sonhos e o cotidiano das pessoas no presente e no passado.

Pelo exposto, acreditamos que se faz necessário uma profunda reflexão sobre o estudo da disciplina de História e como ela está sendo ministrada em sala de aula. Com certeza esta é uma das preocupações e tema principal das discussões em seminários, capacitações e cursos de formação de professores.

Fica para nós professores, a dupla tarefa de revermos nossos equívocos e desmistificarmos a história oficial (tradicional), para que possamos construir juntamente com os nossos alunos, uma história que reflita a importância de seu papel na transformação da sociedade em que vivemos.

Diante do que foi exposto nesta coletânea de textos analisados, percebemos que os autores em sua maioria elegeram como objetivo principal a necessidade de se fazer

questionamentos quanto ao papel do professor no mundo moderno, procurando mostrar que esta profissão, professor, ainda em estado de formação, deve ser olhada de forma diferente do que até aqui tem sido tratada.

Bittencourt ressalta que o ensino de história deve formar o cidadão político, que saiba localizar os acontecimentos em tempo conjuntural e estrutural, como também trabalhar o pensamento crítico desse aluno na sala de aula para que ele tenha a compreensão da realidade em que vive e, que possa, a transformá-la, caso seja necessário.

Assim como Bittencourt, também Janotti versa pela formação de um cidadão político para que se possa evitar o repúdio da história pública e da ignorância desse passado, de forma que não se alimente a indiferença dos nossos antepassados e nem se perca o interesse pela mesma.

Em contrapartida, a autora Nadai⁵ acredita na formação do sujeito social, porém enfatizando que o grande desafio da historiografia e/ ou do ensino é o fato de se identificar outros agentes sociais que não os privilegiados tradicionalmente, como atores principais da sua própria história e, em decorrência do dever histórico: as classes dominadas, os setores trabalhadores e os despossuídos da sociedade brasileira.

Schmidt concorda com Nadai no que se refere a formação do sujeito social, porém ela se preocupa mais com o procedimento histórico no que comporta a construção, a historicidade dos conceitos e a contextualização temporal através do trabalho com fontes e documentos na sala de aula.

O pensamento de Feldens se aproxima do pensamento de Assmann no que se refere a questão da Qualidade Total, pois Feldens enfatiza sobre uma melhor qualidade na escola e, Assmann observa essa questão da Qualidade não apenas na escola, mas também em todos os setores. Ele observa que a questão da qualidade nas escolas tem como finalidade também qualificar o indivíduo para o mercado de trabalho.

Micotti está em comunhão com o pensamento de Ruz, e isso é notável, porque ambos apresentam mais os problemas de valorização dos padrões que devem ensinar do que a necessidade de conhecer melhor a cultura dos alunos para formá-los indivíduos participativos e importantes dentro da sociedade. Tanto Ruz quanto Micotti, criticam os professores que tratam seu ofício com descaso e ou se recusam a mudar de método para que haja um melhor entendimento dos alunos; também lançam críticas ao professor que se recusa a trabalhar a realidade dos alunos preferindo os famosos “pacotes prontos”

⁵ NADAI, Elza (1991). O ensino de História e a pedagogia do cidadão. São Paulo: Contexto. p 28

organizados pelos poderes governamentais, e que, além de serem tradicionais não contribuem para uma boa formação.

Todo esse estudo realizado nos textos, veio de encontro a temática desta monografia, porque a partir das leituras analisadas podemos observar que a formação do aluno como sujeito político e social, os cursos de capacitação para professores, a necessidade de mudança nas propostas didáticas de ensino, o estudo da cidadania baseado na realidade dos alunos e nos objetivos da sociedade, a qualificação de indivíduos para o mercado de trabalho, a necessidade de instruir no aluno o interesse pelo passado público ou pela política do passado, são fatores imprescindíveis nas atribuições das propostas curriculares para a educação básica, a qual deve preparar o aluno para a vida.

Percebemos também que para ser coerente com a noção de que a educação escolar básica deve preparar para a vida, é preciso reconhecer que tudo na escola existe para desenvolver nos alunos um conjunto de características e competências equivalentes aos cidadãos que desejamos formar. Os nossos alunos precisam aprender os conteúdos do currículo para utiliza-los na magnífica tarefa de viver, e a partir daí utiliza-los como verdadeiros divisores de água em que através dos mesmos, possam escolher o caminho do bem ou do mal. Nesse contexto, nós professores deveremos tudo fazer para que nossos alunos persigam o conhecimento e não sejam por ele perseguidos.

A tecnologia da informação pode ser mais um instrumento de burocratização e enrijecimento da prática escolar, porém isso só depende de nós professores, e de nosso compromisso com os alunos na questão da transmissão do saber histórico na sala de aula, o qual deve acompanhá-lo durante a vida.

Flexibilidade, polivalência, capacidade de aprender para adaptar-se às mudanças no trabalho e nas práticas sociais, para construir o sentido do mundo e de sua própria vida, são as competências a serem cobradas no currículo. Para isso, o conteúdo das ciências e o domínio das linguagens são recursos a serem mobilizados para agir, produzir, sobreviver e conviver em situações concretas.

Colocar os conhecimentos em ação exige senso de pertinência, intuição, sensibilidade para a oportunidade, julgamento de valor. Corações informados e mentes sensíveis reaproximam aquilo que a moral da era industrial separou: “Conhecimento e sentimento”.

A construção de sentidos é a função mais nobre da educação escolar; ela implica à interação com familiares, amigos, professores ou interlocutores anônimos dos textos, dos meios de comunicação e nas linguagens orais. Essa construção será tratada no segundo capítulo deste trabalho monográfico, no qual farei uso da linguagem oral para através de

entrevistas e depoimentos, explicar a validade dos relatos orais marcados pelas memórias de professores, pelas buscas de identidade nas histórias de vida dos alunos e de outras pessoas que guardam e ou vivem experiências acerca do programa PEC – RP/UFCG.

CAPÍTULO II

ENCONTROS COM A HISTÓRIA ORAL: O RELATO COMO SUBSTRATO DA MEMÓRIA

1 – Considerações teóricas

O sentido da formação de Historiador – aluno PEC – RP/UFCG, é apresentado a partir das entrevistas realizadas através de questionários e relatos orais realizados especificamente em alunos do sexo feminino; tendo como objetivo principal perceber em que sentido a formação de historiador e, conseqüentemente a informação adquirida contribuiu para essa aluna / mulher / mãe e profissional nos diversos campos que atua. Os questionários respondidos encontram-se no final desse capítulo; porém sua problematização apresenta ao longo desse texto.

Nos relatos apresentados fica evidente o significado do PEC – RP/UFCG para os professores da Rede Oficial de Ensino em Campina Grande e de cidades circunvizinhas como gestor de uma melhor qualificação para o magistério e como o PEC – RP/UFCG tem contribuído para a formação intelectual, cidadã e profissional dos mesmos.

Outro ponto trabalhado nesse capítulo dentro da perspectiva apresentada é a entrevista do Dr. Homero Gustavo Correia Rodrigues coordenador do Convênio PEC na UFCG em entrevista concedida em 18/novembro/2004.

Outrossim, para melhor compreender os relatos orais e as respostas contidas nos questionamentos mais a frente apresentados, o recurso a um referencial teórico sobre a história oral constituiu metodologia fundamental para os objetivos em questão. Os autores aqui apresentados (obviamente não contemplo uma bibliografia mais ampla sobre o tema, dada sua abrangência); me forneceram subsídios valiosos para o tratamento da problemática exposta.

Na opinião de Pollak (1992) ao iniciar uma entrevista, o historiador deverá ter como referência alguma fonte ou representação que poderá ser coletada por meio da história oral que é também história de vida. Todavia, essas fontes ou representações não podem manter-se presas mais a um positivismo primário onde todo o trabalho do historiador permanece preso basicamente a uma intermediação do documento, isso por que com a abertura de novos campos de pesquisa as representações coletadas através da história oral, que é a

história de vida se fundamentou num excelente documento de pesquisa na busca de uma história mais ampla, fato esse basicamente inexistente anos atrás.

Todavia, essa história oral como suas fontes de pesquisa faz com que tenhamos uma responsabilidade maior no momento em que se está realizando um trabalho, pois como trata-se de fontes não escritas, a análise dessas fontes deverá ser bem mais trabalhada o que significa afirmar que o rigor metodológico e técnico é algo imperioso para que o trabalho não perca o seu caráter científico e não se desvie do seu maior objetivo, que é a compreensão das representações sociais e históricas dos sujeitos envolvidos e o seu meio social.

De acordo com Queiroz (1988: pp.15), o “relato” oral nos finais dos anos 40 do século XX, foi relegado em parte ao esquecimento e alvo de crítica de alguns estudiosos que alertavam sobre a necessidade de se registrar em documentos escritos os fatos acontecidos a fim de que não desaparecesse da memória individual e coletiva, as histórias de vida. Quase não se utilizavam mais a oralidade nesse período porque suspeitava-se que os informantes poderiam deturpar as histórias ou repassa-las erroneamente. Por esse motivo o “relato” demorou algum tempo para reaparecer entre as técnicas de coleta de materiais empregados para registrar os acontecimentos do cotidiano. (1998: pp.17)

Na opinião de Queiroz, a “história oral” só passou a ser mais aceita como recursos metodológicos após a utilização de gravadores, que além de registrar o conteúdo narrado, trazia o tom de voz da pessoa que estava sendo analisada, com suas entonações, suas pausas e vaivém no que contava. No entanto o maior problema encontrado nos documentos escritos por meio de gravações, seria a maneira de como esses relatos eram passados para o papel, isto é, a transcrição escrita da história oral que poderia ser acrescentado alguns fatos, ou simplesmente omitidos. A autora explicita que a “história de vida”, também faz parte da história oral, só que cada uma com sua especificidade, diferem em sua definição e característica. Faz parte da história de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais e as biografias entre outras que geralmente são relatadas ao pesquisador por meio de diálogo com o informante.

Embora realizado de maneira e finalidades diferentes, as entrevistas vão sendo utilizadas como material de análise juntamente com outras fontes de informações. Nesse caso, a história de vida, como outro procedimento qualquer, empregado na coleta dessas informações, não são coletas, nem produtos finais da pesquisa, apenas elas recolhem os materiais brutos para serem analisados e depois registrados. Se esse procedimento passar a

ser transcrito e convenientemente bem guardado, esses escritos perdurarão por muito tempo e passarão de geração para geração.

Com a expansão dos meios de comunicação, os livros foram substituindo cada vez mais as informações orais relatadas por pessoas idosas e experientes, por isso, a oralidade foi perdendo a importância, uma vez que o conhecimento dessas pessoas já não se adequavam mais ao contexto sócio-econômico que emanava das grandes cidades.

A partir da década de 50, o pesquisador já dispunha de materiais mais avançados para coletar os dados necessários para complementar sua pesquisa. Tratava-se de filmes, audiovisuais, vídeos cassetes que resguardavam as falas, os gestos, as opiniões, aspectos físicos e os discursos que também faziam parte do passado.

Nessa mesma época no Brasil, apareceu a técnica de histórias de vida, só que por um curto espaço de tempo, depois caiu no esquecimento. Na opinião dos cientistas sociais, as histórias de vida e os relatos orais se apresentavam cheios de subjetividades, visto que, tanto o narrador quanto o pesquisador poderiam fazer suas interpretações errôneas.

Ela observa que, com a revalorização da história oral na Europa, os cientistas nacionais começaram a se interessar por essa técnica, e assim, a história oral no Brasil foi ressurgindo.

Atualmente vive-se um momento propício para se captar, por meio da história oral e, principalmente, por intermédio de histórias de vida, ou de depoimentos pessoais a maneira pela qual, diferentes grupos, homens e mulheres de faixas etárias variadas, estão experimentando as mudanças que ocorrem, segundo que valores as estão encarando, quais as normas de comportamento que aceitam e quais as que rejeitam.

“Para o historiador modernista, a história do tempo presente, pelo menos como ele imagina, desperta um mau sentimento: a inveja. Antes de tudo, inveja de uma pesquisa que não é uma busca desesperada de almas mortas, mas um encontro com seres de carne e osso que são contemporâneos daquele que lhes narra as vidas. Inveja também de recursos documentais que parecem inesgotáveis”.(CHARTIER (1992 pp.215).

Parece bastante ilógico pensar dessa forma numa sociedade em que o avanço tecnológico colocou a luz do historiador, fontes antes adormecidas ou tidas como sem importância, onde a maior preocupação termina sendo a história presente representada nas várias fontes disponíveis que nunca são suficientes para esse historiador invejoso, que sempre está querendo copiar as fontes das outras pessoas, uma vez que nunca estão satisfeitos. Com isso percebemos que é necessário que ele supere esse entrave da história do tempo e perceba que é no passado onde está a maior de todas fontes que é oralidade.

Com isso podemos evidenciar que a oralidade não é uma história morta e o que é mais importante coloca um limite nessa disputa de fontes e recursos documentais, pois ao contrário dos documentos oficiais escritos que são limitados ao Cartório ou a outros locais protegidos, a história oral, ou arquivo oral, antes adormecido, retorna como uma fonte de pesquisa mais ampliada, passando a ser considerada como mais uma fonte no meio das muitas que já existem. A história oral faz parte de uma fonte vital de pesquisa no discurso da História Moderna e Contemporânea que segundo Chartier, tem a preocupação de repassar aos historiadores um conhecimento verdadeiro, digno de credibilidade, tendo o cuidado de separar as categorias verdadeira, ficcional e factual.

Entretanto, apesar de toda essa modernidade, é na técnica de história de vida que se consegue captar o que acontece na encruzilhada da vida individual com o social; por isso mesmo ela se constituiu como uma fonte muito importante para esse trabalho monográfico.

A importância da história oral como fonte vital de pesquisa no discurso da História Moderna e Contemporânea não é uma preocupação encontrada apenas nos estudos de Chartier.

Trebitch *in* Moraes (1994) realiza uma exposição no momento histórico onde a história oral passou a despertar interesse como objeto de pesquisa nas ciências humanas, em particular na História. Segundo o autor, esse despertar começou na década de 60 do século XX, ou seja, em plena modernidade; contudo a origem da história oral, de acordo com o autor não é algo assim tão moderno, podendo ser encontrado já no século XIX. O surgimento da história oral como um novo campo de estudo e pesquisa historiográfica, tem como contexto social e histórico os movimentos radicais de contestação surgidos nos anos 60 e 70 do século XX. Esse pesquisador, mostra que mesmo sendo o momento inicial de uma prática da história oral, já eram feitas entrevistas de homens políticos na década de 40 do século XX, coincidentemente mesmo ano em que o gravador a fita foi inventado, a partir daí a prática da entrevista tornou-se algo normal, mas uma preocupação com o tipo de informação a ser colhida só veio com os movimentos radicais muito tempo depois.

Mesmo se tratando do início dessa nova modalidade de pesquisa, ainda era comum a desconfiança e mesmo a desconsideração da fala gravada, da oralidade como documento original e seguro pois essa fonte de pesquisa, atribuindo à história oral, apenas um complemento cuja tarefa era preencher as possíveis lacunas existentes no documento escrito.

Para Trebitsch, é com a história oral que há uma renovação nos estudos dessa área do conhecimento humano, pois esta vem logo se apresentando como uma contra-história,

onde sua genealogia, o seu procedimento segue a linha oposta a cronologia histórica fundamentada na linearidade.

Esse procedimento da história oral mostra como essa Nova História vem a se opor como uma espécie de contra-história, uma inversão radical nos seus objetivos de estudo e nos seus métodos, pois tudo o que não era aceito pela História Oficial, visto como sem credibilidade, sofre uma reviravolta profunda, onde a história do local, da comunidade, dos humildes, dos sem-história e dos de baixo passa a ser um campo amplo de possibilidades com esse leque de abertura advindo da história oral.

Trebitch nesse texto, trabalha essas genealogias referentes as possibilidades de fazer uma história oral; trata-se da genealogia mítica e uma segunda genealogia mais presente na via literária, evidenciada no fascínio do romantismo pelas culturas populares. A genealogia mítica está intimamente ligada às novas possibilidades de se fazer a História a partir de fontes que a história oficial considera como impróprias e sem valor documental.

Pelo o que ficou explícito nas idéias desse autor, quando tratamos da história oral, estamos lidando com a fala do sujeito, sua mentalidade, seu pensamento; e como trata-se de uma nova prática de pesquisa na História onde os sem história passam a ser objeto da História como mostra Trebitch, logo estamos lidando com o extremamente forte do homem que é a sua história de vida, dos adolescentes, das subjetividades.

Vilanova (1994: pp.19) chama a atenção para a utilidade das fontes orais como campo de estudo, isso porque a História deve ter serventia para algo, e se as fontes são úteis é porque muita coisa pode ser revelada na vida das pessoas, cujos relatos tornaram-se documentos vivos de sua história. Para essa autora, além das fontes orais pertencerem a classificação de uma fonte viva, parcial, inesgotável e pesquisa, faz com que o estudo jamais chegue ao fim. Permite que ele continue sendo proporcional ao embate das idéias e opiniões como uma espécie de confronto com o outro. (1994: pp.19)

Vilanova chama a atenção para esse aspecto, porque nesse “embate” entre entrevistador e entrevistado, aparece o lado político do trabalho, com seus interesses, em que as diferenças surgem à tona em meio à execução do trabalho.

Isso torna o trabalho com fonte oral dinâmico, devido ao constante diálogo não só com as fontes pesquisadoras (relatos orais), como também o referencial teórico escolhido fazendo com que a crítica ao documento seja bem mais elaborada. Nesse sentido, a autora mostra que isso só é possível diante da capacidade do entrevistador analista em compreender a carga de subjetividade contida em cada relato como algo único em cada indivíduo.

Ao tratar da história oral, das subjetividades presentes nos diálogos recolhidos nas entrevistas, ela deixa bem claro que esse não é apenas um estudo de fontes orais, mas uma conversa que não são apenas portadoras da oralidade, mas sujeitos que buscam novos conhecimentos. Também fala que não há entrevistas perfeitas, uma vez que jamais saberemos qual é o texto, a fala do entrevistado e principalmente quais são as possibilidades de se estabelecer um diálogo no momento em que a entrevista é iniciada, dada às expectativas propostas que, muitas vezes são reelaboradas, diante das subjetividades apresentadas.

**2- PEC/RP/UFCG e o PEC-RP/HISTÓRIA/UFCG: Leituras convergentes?
Análise das fontes (entrevistas).**

Nome:

Idade:

Curso:

Quanto tempo sem estudar no PEC:

1º O PEC tem correspondido as sua expectativas?

sim não mais ou menos

2º PEC tem contribuído para:

- Sua formação intelectual e profissional
- Sua formação profissional apenas
- Sua formação como cidadã
- O PEC não tem fornecido essas formações
- Estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas práticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsídio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4° Sobre a minha condição de mulher o PEC:

- Tem contribuído para repensar sobre meu eu interior
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos
- Tem contribuído para repensar sobre a relação Homem X Mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5° Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC:

- Tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas
- Não tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar
- Depois que ingressei no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6° Exclusivamente como/ enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de/ das mulheres
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer

Para dar continuidade as entrevistas realizadas com estudantes do PEC – RP/UFCG nos utilizamos de questionários que obedeciam a um roteiro de perguntas que versavam sobre a vida escolar, com docente e discente, o que não excluía fragmentos de sua história de vida, reveladores de um contexto maior de origem social, familiar e profissional.

A princípio, cinquenta questionários foram distribuídos nos turnos diurnos e noturno, entre estudantes do sexo feminino que participaram do convênio, no curso de História, com uma faixa etária entre dezenove e quarenta e oito anos de idade. Dos questionários distribuídos, só recebemos vinte e um, porque o restante não devolveram os questionário por esquecimento, ou fizeram pouco caso dos mesmos.

Percebemos através das respostas expostas que, todas já lecionam em escolas da Rede Oficial de ensino e ou particulares, com o tempo de serviço que varia entre um e

Nome: Aluana Martins
Idade: 28
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 2 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Allva Coele Lentes Silva
Idade: 39 mes
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 20 mes

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de / das mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Alvina D. F. BARRATO ESTERNA
Idade: 26 ANOS
Curso: HISTÓRIA
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 4 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?
 sim não mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:
 sua formação intelectual e profissional
 sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
 o PEC não tem fornecido essas formações
 estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:
 Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
 Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
 O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC
 tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
 Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC
 Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
 Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
 Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:
 Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
 Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
 Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Oláudineide de Socorro Borges Melo
Idade: 44 anos
Curso: história
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 19 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

() sim () não (X) mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- (X) sua formação intelectual e profissional
() sua formação profissional apenas
() sua formação como cidadã
() o PEC não tem fornecido essas formações
() estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- (X) Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
() Tem repensado suas praticas pedagógicas
() Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
() O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- () tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
() Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
() Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
(X) Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- (X) Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
() Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
() Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
() Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- (X) Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
() Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
() Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de / das mulheres.
() Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Edleusa S. Araújo
Idade: 31 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 4 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Francisca Marieli da Silva
Idade: 39 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 15 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim não mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
 sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
 o PEC não tem fornecido essas formações
 estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
 Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
 O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
 Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
 Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
 Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
 Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
 Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Claudete C da Silva
Idade: 30 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 6 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
() sua formação profissional apenas
() sua formação como cidadã
() o PEC não tem fornecido essas formações
() estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- () Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas práticas pedagógicas
() Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
() O PEC não tem fornecido subsídio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- () tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
() Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
() Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- () Tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas.
() Não tem contribuído para repensar minha prática pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
() Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- () Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
() Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
() Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de / das mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Inailde Dias Gonçalves
Idade: 41 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 1 ano

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
() sua formação profissional apenas
() sua formação como cidadã
() o PEC não tem fornecido essas formações
() estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
() Tem repensado suas praticas pedagógicas
() Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
() O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- () tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
() Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
() Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
() Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
() Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
() Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
() Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
() Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de / das mulheres.
() Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Janieleir Silva Souza
Idade: 26 anos
Curso: Historia
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 2 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim não mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
 sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
 o PEC não tem fornecido essas formações
 estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
 Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
 O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
 Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
 Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
 Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
 Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
 Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: #^o delectima Oliveira

Idade: 47

Curso: Historia

Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 15

1° O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim não mais ou menos

2° O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3° Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4° Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5° Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6° Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Maria da Glória Silva
Idade: 1 29 anos
Curso: história
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 2 anos

1° O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2° O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
 sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
 o PEC não tem fornecido essas formações
 estou no PEC por uma exigência de qualificação

3° Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
 Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
 O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4° Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
 Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5° Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
 Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
 Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6° Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
 Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
 Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Maria José Cardoso da Silva
Idade: 36
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 10

1° O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim não mais ou menos

2° O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3° Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4° Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5° Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6° Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Maria de Jesus Souza
Idade: 196 anos
Curso: Historia
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: _____

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Maria Lantier de Medeiros
Idade: 40
Curso: Historia
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 8 Anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim não mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Mariela Marinho Pereira
Idade: 27 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 6 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- () sua formação intelectual e profissional
() sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
() o PEC não tem fornecido essas formações
() estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
() Tem repensado suas praticas pedagógicas
() Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
() O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- () -tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
() Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
() Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
() Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
() Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
() Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
() Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
() Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
() Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Maurina Irene de Santo

Idade: 36 anos

Curso: História

Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 12 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim não mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
- sua formação profissional apenas
- sua formação como cidadã
- o PEC não tem fornecido essas formações
- estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- Tem repensado suas praticas pedagógicas
- Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de / das mulheres.
- Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Mônica Gueley Câmara Cavalcante
Idade: 28 anos
Curso: Historia
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 12 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
 sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
 o PEC não tem fornecido essas formações
 estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
 Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
 O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
 Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
 Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
 Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
 Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
 Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Raquel de Souza Pereira
Idade: 25 anos
Curso: história
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 3 meses

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

() sim não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
() sua formação profissional apenas
() sua formação como cidadã
() o PEC não tem fornecido essas formações
() estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- () Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
() Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
() O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- () tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
() Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
() Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
() Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
() Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
() Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
() Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
() Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de das mulheres.
() Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Rosana A. F. F. F. F.
Idade: 38 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 20 anos

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?
() sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- () sua formação intelectual e profissional
- () sua formação profissional apenas
- () sua formação como cidadã
- () o PEC não tem fornecido essas formações
- () estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- () Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- () Tem repensado suas praticas pedagógicas
- () Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
- () O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- () tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
- () Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
- () Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
- () Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- () Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
- () Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
- () Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
- () Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- () Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
- () Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
- () Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
- () Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Vanderleide de Azevedo
Idade: 36 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: _____

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?
() sim () não (X) mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:
(X) sua formação intelectual e profissional
() sua formação profissional apenas
() sua formação como cidadã
() o PEC não tem fornecido essas formações
() estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:
() Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
() Tem repensado suas praticas pedagógicas
(X) Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
() O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC
() tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
() Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
() Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
(X) Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC
(X) Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
() Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
() Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
() Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:
(X) Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
() Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
() Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
() Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

Nome: Wandirleia Riande Melo
Idade: 31 anos
Curso: História
Quanto tempo sem estudar até estudar no PEC: 1 ano

1º O PEC tem correspondido as suas expectativas?

sim () não () mais ou menos

2º O PEC tem contribuído para:

- sua formação intelectual e profissional
 sua formação profissional apenas
 sua formação como cidadã
 o PEC não tem fornecido essas formações
 estou no PEC por uma exigência de qualificação

3º Após o ingresso no PEC, você:

- Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
 Tem repensado suas praticas pedagógicas
 Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional
 O PEC não tem fornecido subsidio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC

- tem contribuído para repensar sobre meu eu interior.
 Não tem contribuído para repensar meus conceitos.
 Tem contribuído para repensar sobre a relação homem X mulher
 Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC

- Tem contribuído para repensar minhas praticas pedagógicas.
 Não tem contribuído para repensar minha pratica pedagógica
 Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar.
 Depois do ingresso no PEC tenho a segurança profissional que não tinha

6º Exclusivamente como / enquanto mulher, o PEC:

- Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo.
 Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade.
 Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de mulheres.
 Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer.

vinte e um anos em sala de aula. A maioria delas, em conversas informais, confessaram que voltaram a estudar com a finalidade de obter uma melhor qualificação para o magistério e, conseqüentemente continuar suas atividades docentes como profissionais capacitados principalmente na Educação básica. Outras informaram que foram, praticamente, obrigadas a ingressar no PEC – RP/UFCG para se qualificarem por exigência do Governo Federal.

Essa linha de pensamento foi muito bem explicitada nos textos de Feldens, Ruz e Micotti, no primeiro capítulo desse trabalho monográfico, pois todos eles observaram também a importância da qualificação para a formação de um bom profissional.

Sobre as entrevistas realizadas com as estudantes PEC – RP/UFCG do curso de História, sobre o Programa Convênio Estudante Rede Pública, apresentados os seguintes resultados:

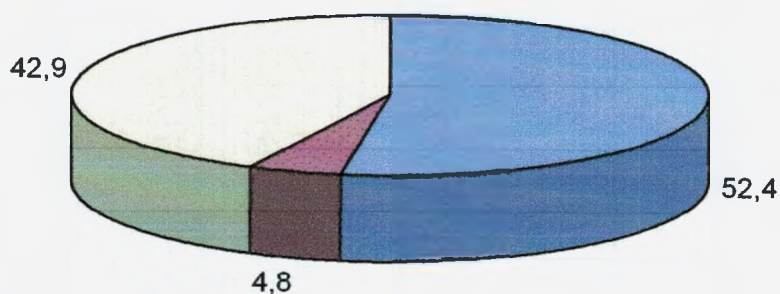
	Total	Porcentagem
1º) O PEC tem correspondido as suas expectativas?		
a) Sim	11	52,4
b) Não	1	4,8
c) Mais ou menos	9	42,9
2º) O PEC tem contribuído para:		
a) Sua formação intelectual e profissional	18	85,7
b) Sua formação profissional apenas	0	0,0
c) Sua formação como cidadã	2	9,5
d) O PEC não tem fornecido essas informações	0	0,0
e) Estou no PEC por uma exigência de qualificação	1	4,8
3º) Após o ingresso no PEC, você:		
a) Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida	10	47,6
b) Tem repensado suas práticas pedagógicas	7	33,3
c) Tem repensado seu papel de mulher, mãe e profissional	4	19,0
d) O PEC não tem fornecido subsídio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida	0	0,0
4º) Sobre a minha condição de mulher o PEC:		
a) Tem contribuído para repensar sobre meu eu interior	3	14,3
b) Não tem contribuído para repensar meus conceitos	0	0,0
c) Tem contribuído para repensar sobre a relação Homem X Mulher	2	9,5
d) Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade	16	76,2
5º) Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC:		
a) Tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas	16	76,2
b) Não tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas	0	0,0
c) Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar	3	14,3
d) Depois que ingressei no PEC tenho a segurança profissional que	2	9,5

não tinha

6º) Exclusivamente como/ enquanto mulher, o PEC:

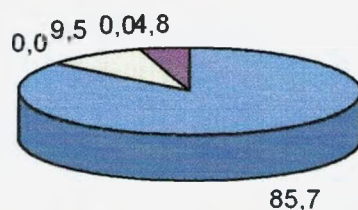
a) Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo	16	76,2
b) Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade	0	0,0
c) Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de/ das mulheres	1	4,8
d) Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer	4	19,0

Questão 1:

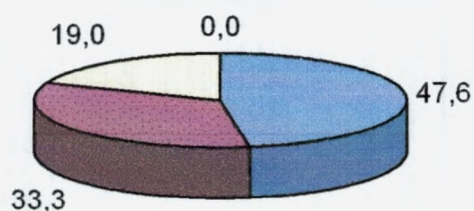


■ a) Sim ■ b) Não □ c) Mais ou menos

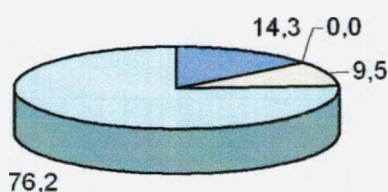
Questão 2:



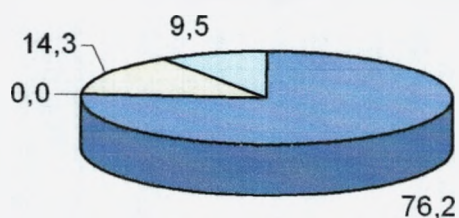
■ a) Sua formação intelectual e profissional
 ■ b) Sua formação profissional apenas
 □ c) Sua formação como cidadã
 □ d) O PEC não tem fornecido essas informações
 ■ e) Estou no PEC por uma exigência de qualificação

Questão 3:

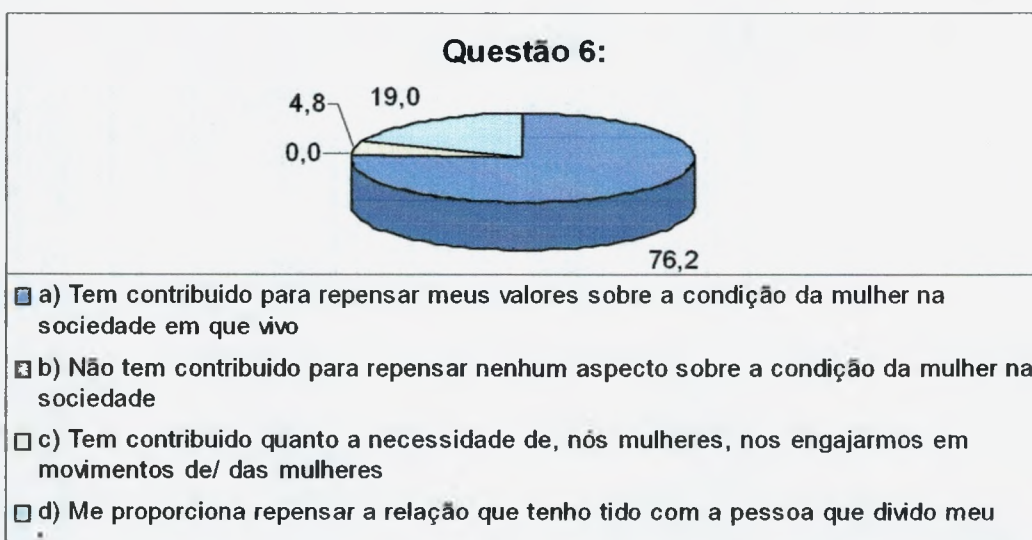
- a) Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida
- b) Tem repensado suas práticas pedagógicas
- c) Tem repensado seu papel de mulher, mãe e profissional
- d) O PEC não tem fornecido subsídio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida

Questão 4:

- a) Tem contribuído para repensar sobre meu eu interior
- b) Não tem contribuído para repensar meus conceitos
- c) Tem contribuído para repensar sobre a relação Homem X Mulher
- d) Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade

Questão 5:

- a) Tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas
- b) Não tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas
- c) Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar
- d) Depois que ingressei no PEC tenho a segurança profissional que não tinha



1º O PEC tem correspondido as suas expectativas? 52,4% afirmaram que sim, 4,8% responderam não e 42,9% disseram que mais ou menos.

2º PEC tem contribuído para:

- a) Sua formação intelectual e profissional. 85,7% escolheram esse item
- b) Sua formação profissional apenas. 0% ninguém escolheu esse item.
- c) Sua formação como cidadã. 9,5%
- e) O PEC não tem fornecido essas formações. 0%
- d) Estou no PEC por uma exigência de qualificação. 4,8% escolheram esse item.

3º Após o ingresso no PEC, você:

- a) Tem repensado seus conceitos sobre as coisas e a vida. 47,6%
- b) Tem repensado suas práticas pedagógicas. 33,3%
- c) Tem repensado seu papel de mulher mãe e profissional 19%.
- d) O PEC não tem fornecido subsídio para eu repensar nenhum aspecto da minha vida 0%.

4º Sobre a minha condição de mulher o PEC:

- a) Tem contribuído para repensar sobre meu eu interior 14,3%.
- b) Não tem contribuído para repensar meus conceitos 0%.
- c) Tem contribuído para repensar sobre a relação Homem x Mulher 9,5%.
- d) Tem contribuído para repensar meu papel na sociedade 76,2%.

5º Exclusivamente quanto ao aspecto profissional como professora de história, o PEC:

- a) Tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas 76,2%.
- b) Não tem contribuído para repensar minhas práticas pedagógicas 0%.
- c) Depois que ingressei no PEC, mudei radicalmente minha forma de trabalhar 14,3%.
- d) Depois que ingressei no PEC tenho a segurança profissional que não tinha 9,5%.

6º Exclusivamente como/ enquanto mulher, o PEC:

- a) Tem contribuído para repensar meus valores sobre a condição da mulher na sociedade em que vivo 76,2%.
- b) Não tem contribuído para repensar nenhum aspecto sobre a condição da mulher na sociedade 0%.
- c) Tem contribuído quanto a necessidade de, nós mulheres, nos engajarmos em movimentos de/ das mulheres 4,8%.
- d) Me proporciona repensar a relação que tenho tido com a pessoa que divido meu bem querer 19%.

Diante dos resultados apresentados, podemos perceber que a história oral e história de vida estão interligadas entre si, apesar de cada uma ter definição e características próprias diante da historicidade apresentada no limiar do vivido e do narrado. Nesse sentido os Parâmetros Curriculares Nacionais de História valorizam intercâmbio de idéias, sugerindo análise e interpretação de diversas fontes de informação, e o debate acerca de explicações plurais para um mesmo acontecimento.

Pela resposta dos questionários percebemos que mais da metade das entrevistadas afirmaram que o programa tem sido satisfatório para os cursos da área de Humanidades, em especial o curso de História, pois, segundo a pesquisa, várias afirmaram que o PEC/RP/UFCG tem correspondido às suas expectativas no sentido de facilitar seu ingresso na Universidade através de um vestibular próprio ao programa.

Entretanto, nem todas concordaram com a resposta exposta pois encontraram algumas falhas no convênio, como por exemplo a falta de mais informações sobre mesmo, e explicações aos conveniados sobre seus direitos e deveres, por isso optaram pela resposta mais ou menos. Uma única aluna respondeu negativamente a questão, e quando foi questionada sobre resposta, respondeu que o programa deixou muito a desejar, que houve

muitas falhas por parte do convênio e dos órgãos oficiais de ensino e por isso ela tinha respondido não.

Quanto à contribuição do PEC/RP/UFCG para sua formação intelectual, profissional e social, a maioria responde que o programa cresceu muito no conceito por contribuição na formação intelectual e profissional dos professores de base, pois aliou o conhecimento acadêmico à experiência do professor no cotidiano de sua sala de aula e a história de vida dos alunos com a finalidade de melhorar sua prática docente.

Duas estudantes afirmaram que o PEC/RP/UFCG tem contribuído para sua formação como cidadã que conhece suas obrigações e seus direitos na sociedade e apenas uma professora confessou que só está na Universidade PEC/RP/UFCG por uma exigência de qualificação na sua profissão.

Ainda sobre o ingresso no PEC/RP/UFCG, quase metade das entrevistadas explicitaram que após o ingresso no programa, começaram a repensar seus conceitos sobre as coisas da vida, e a partir daí, passaram a questionar mais os problemas pessoais, profissionais, políticos e sociais.

Afirmaram que a partir do ingresso no curso de História dessa Instituição Federal de Ensino Superior, suas vidas melhorou satisfatoriamente.

Menos da metade das professoras só observaram a prática pedagógica. Elas afirmaram que o PEC/RP/UFCG contribuiu para a relação homem/ mulher e com certeza, nesse caso, o PEC/RP/UFCG vai contribuir muito no trato com relação a essas mulheres que repensaram suas relações afetivas, sendo elas solteiras (noivas – namorando) ou casadas porque haverá mudanças nessa relação, com mais tolerância e mais respeito.

Diante dos conteúdos trabalhados ao longo do curso de História realizado, a campeã na pesquisa foi sobre a contribuição do PEC/RP/UFCG para que a mulher repensasse seu papel na sociedade. Como sabemos, a mulher nem sempre teve um papel de destaque na sociedade machista, e longos embates sobre o papel da mulher na sociedade ocorreram para que ela fosse reconhecida como agente (e ativo) da história.

Essa foi uma luta empreendida pela mulher em várias sociedades, e hoje diante da Universidade PEC/RP/UFCG a mulher afirma com que o programa tem contribuído para que ela repense seu papel na sociedade e passe a exigir condições de tratamento dignas no campo social, profissional e afetivo, não por obrigação da lei e sim porque é seu de direito. Outrossim, ainda encontramos alunas que afirmam não encontrar soluções para as demandas de seus maridos e não visualizam mudanças.

Exclusivamente quanto ao aspecto profissional, um grande percentual de professoras de História, da rede oficial de ensino e alunas PEC/RP/UFCG concordaram que o programa tem contribuído para repensar as práticas pedagógicas e observar a necessidade de uma busca continuada do professor por mudanças na educação. O professor precisa estar atualizado para enfrentar o dia-a-dia da sala de aula, até mesmo porque nossos alunos, agora, não aceitam a educação antiga com métodos tradicionais, uma escola estática, e para isso o professor precisa estar se capacitando e mudando sua forma de trabalhar. Nesse sentido de mudança, alguns professoras concordaram com esse item. Duas entrevistadas afirmaram que após o ingresso no PEC-RP/UFCG, ficaram mais seguras na profissão de professores de História, porque adquiriram mais conhecimentos acadêmicos e passaram a questionar o ensino de História no livro didático juntamente com seus alunos. Um grande avanço que demonstra que a universidade está alcançando seus objetivos.

Algumas professoras afirmaram que enquanto mulher, o PEC/RP/UFCG proporcionou repensar relação com a pessoa que divide seu bem querer, seja namorado, noivo ou esposo.

Como estudante do curso de História do PEC/RP/UFCG também deixo aqui a minha opinião a respeito das questões apresentadas no questionário sobre o PEC/RP/UFCG.

Partindo da primeira questão, concordo com as professoras que responderam “mais ou menos”, até mesmo porque o programa PEC/RP/UFCG, foi gestado a pouco tempo e ainda necessita de reajustes em seu contexto para que consiga, mais tarde, corresponder às expectativas de seus conveniados em sua totalidade.

Na segunda questão, para mim, teriam sentido de múltipla escolha, porque o programa contribuiu não somente para minha formação intelectual e profissional como também para que a sociedade que atuo me reconhecesse e me respeitasse mais como cidadã que sou, com todas as obrigações e direitos que me é devido.

Após ingressar na Universidade pelo programa PEC/RP/UFCG, mudei substancialmente a minha maneira de pensar, meus conceitos, sobre as coisas e a vida, minha prática pedagógica e, principalmente, o meu papel de mulher e mãe. Antes eu me considerava incapaz de reivindicar meus direitos dentro da minha própria casa, não questionava as coisas que eu achava errado no meu trabalho e seguia à risca o planejamento oferecido pelo sistema educacional nas escolas onde trabalhei. Hoje questiono e me posiciono diante dos acontecimentos, o que tem me rendido muitas vezes,

ser taxada de “rebelde” o que tem me levado, a mais uma conclusão: O conhecimento proporciona análises que incomodam ao *status quo* estabelecido.

A partir do momento que comecei a cursar História, percebi que também necessitava repensar o meu eu interior, a minha relação com meu esposo e meus filhos. Antes eu tinha obrigações na minha casa que eram só minhas, ninguém me ajudava e ainda me criticavam quando reclamava. Não saía de casa, não passeava e nem estudar eu tinha direito. A partir do momento em que as escolas exigiram uma qualificação para o profissional de educação, visto que, minha contribuição financeiras nas despesas da casa eram necessários, foi que tive a oportunidade de através do PEC/RP/UFCG, ingressar na Universidade e empreender mudanças na minha vida. Nesse período recebi um incentivo muito grande por parte do meu primeiro filho que já cursava a Universidade e muito me ajudou (e ainda ajuda) para que eu conclua a minha Licenciatura em História.

Na minha profissão, o PEC/RP/UFCG, através do curso de História me forneceu mais subsídios para que enquanto professora (mesmo que polivalente) fosse mais reconhecida como profissional e melhorasse minha metodologia de ensino e de trabalhar os conteúdos com mais segurança.

Hoje posso me considerar vitoriosa pois vivo mais tranqüila no meu lar, no meu trabalho e na sociedade em que estou inserida e agradeço muito a oportunidade de sair do anonimato que era minha vida para um mundo mais bonito, onde posso observar que nele trafego sem medo, sem angústias, porque hoje eu sou mais eu, como profissional e como mulher.

Para melhor esclarecimento sobre o programa PEC/RP/UFCG, faço uso da entrevista, com o coordenador do convênio, o professor Homero Gustavo⁶, utilizando como recurso didático o gravador. Ele gentilmente me recebeu em sua sala na coordenação de Pós-Graduação e prontamente respondeu as perguntas formuladas:

Guia: O que é o PEC e quais suas finalidades?

Prof. Homero: Bem... O PEC, ele foi criado desde a época da... para professores das redes Municipais e Estaduais que não possuíam ainda a devida qualificação, ou seja, não possuíam ainda curso de licenciatura. Com esse programa, a Universidade auxilia os governos Estaduais e Municipais na medida em que qualificando o seu professor, dá qualidade ao ensino ministrado na Educação Básica.

⁶ RODRIGUES, Homero G. Correia. Coordenador do PEC/RP/UFCG – (2004).

Guia: Como a UFCG tem tratado o PEC?

Prof. Homero: Bom... A UFCG, ela... tem buscado aprimorar o PEC, na medida em que tem procurado oferecer uma melhor qualidade nos seus cursos de licenciatura e privilegiado essa clientela que trabalha durante todo o dia. Se fosse oferecer essa possibilidade, por exemplo, em turnos como manhã e tarde... Então a maioria desses cursos de Licenciatura funcionam à noite, então para possibilitar ao professor, tempo, fora do seu expediente de trabalho, de tal maneira que ele possa ter acesso a esses cursos de Licenciatura.

Paralelamente, a gente tem também feito avaliações, é... na qualidade desses cursos e nas qualidades dos convênios feitos com as prefeituras.

A Universidade tem alcançado efetivamente... Ela tem alcançado esses objetivos. Ano a ano, a gente tem percebido uma diminuição na procura do PEC, aqui, na Universidade exatamente porque muitas escolas particulares tem oferecido possibilidades..., vamos dizer, mais facilidades na medida em que é... Oferecem até cursos em finais de semana... Só que com a qualidade, que eu considero como duvidosa.

Esses locais onde são feitos esses cursos não dispõem de biblioteca, não dispõem é... de orientadores, diferentemente da Universidade. O tempo é mais curto e o gasto é menor, mas a qualidade é duvidosa.

Aqui na Universidade Federal de Campina Grande, o aluno PEC, ele vai ter um curso de igual qualidade que o aluno que ingressou pelo vestibular. Vai ter a mesma qualidade, os mesmos grupos de professores, vai ter a mesma biblioteca, ou seja, todos os recursos que são destinados aos alunos ingressos no vestibular, vão ser oferecidos aos alunos do PEC, sem diferenciação.

Guia: Como a UFCG avalia os convênios e os alunos PEC?

Prof. Homero: Olhe, o aluno do PEC, pra gente, é um aluno especial. Ele tem uma experiência de vida. Ele tem uma experiência de sala de aula. É uma pessoa mais experiente, diferentemente daquele jovem que entra pelo vestibular, que geralmente são pessoas, é... com dezoito, vinte anos, quer dizer... sem experiência, não é?

Já o aluno PEC, ele já é professor, ele já é funcionário público, conhece a realidade municipal. O aluno PEC, também ajuda a Universidade a medida em que trás para sala de aula a sua experiência. Já com relação especificamente aos convênios, nos temos sérios problemas, mas, os problemas decorrem do não cumprimento pelas prefeituras das cláusulas contratuais, ou seja, muitas prefeituras é... algumas, não pagam as bolsas previstas nos convênios, algumas não oferecem transportes, ou oferecem em más

condições. As vezes, nem ônibus... Eu tenho notícias que até do Sertão vem caminhonete, não é?

Então, essas séries de questões estão relacionadas mais as prefeituras do que a Universidade. Olhe, nós podemos dizer que, se as prefeituras não estão cumprindo, poderíamos quebrar esses Convênios. Mas, nesse caso da quebra da permícia do Convênio, o principal prejudicado seria o aluno, porque ele seria desligado, e a Universidade não tem interesse de desligar o aluno por nenhuma quebra de Convênio, por parte dos prefeitos.

Então, nós temos o maior prazer de ter o aluno PEC na Universidade, apesar de toda dificuldade que nós temos no relacionamento com as prefeituras, ou seja, ela não cumprindo com a sua parte.

Guia: Quais os pontos positivos e as limitações do programa PEC?

Prof. Homero: Olhe... Os pontos positivos são aqueles que eu listava para você, que eu falei para você. A experiência que o aluno PEC traria para nossa sala de aula. É também de possibilitar em contrapartida a qualificação na Educação básica a nível de secretarias estaduais e municipais de educação. É isso aí. Eu acho que isso aí é a maior vantagem e quem ganha com isso são as crianças paraibanas que vão passar a dispor de professores mais qualificados, com melhores metodologias de ensino, com a auto-estima elevada porque ele está qualificado, ele está estimulado, não é? Embora esse estímulo seja mais pelo conhecimento que ele adquiriu que pelos próprios salários que os municípios pagam, não é?

As limitações do programa, nós podemos dizer que, as limitações decorrem exatamente das distâncias dos municípios com a sede da Universidade, ou seja, a grande maioria dos professores que estudam, residem e trabalham em municípios relativamente distantes da sede da UFCG, de tal maneira que muitas vezes o aluno passa mais tempo dentro do ônibus que dentro da sala de aula. Ele já chega aqui, depois de um dia de trabalho. Já chega aqui cansado não é? Sofre também pressão até dos motoristas dos ônibus para voltar na hora que o motorista quer. As vezes o aluno sai no meio da aula e você também tem problemas em que alguns municípios contratam ônibus para trazer outras pessoas e ao quando essas pessoas não vêm, o professor PEC também não vem e então essas são as limitações de caráter operacional do PEC.

Nós, já estamos aqui na UFCG estudando a possibilidade de oferecer cursos fora da sede, ou seja, criariamos cidades-pólo e nessas cidades-pólo, nós ofereceríamos cursos de Licenciaturas regulares. É ... de maneira que o professor não precisasse se deslocar pra cá. Mas essa nova experiência não conseguimos colocar em prática pelas limitações do

número de professores nossos, ou seja, nós temos dificuldades até para atender os cursos aqui na sede e teríamos certamente dificuldades para atender fora de sede. E aí nós estamos aguardando. O governo federal está acenando com a possibilidade de contratar novos professores e talvez com essa contratação desses novos professores nós possamos oferecer esses cursos fora de sede. Mas, até o momento, realmente, ainda é um sonho pra gente. É um sonho que agente pretende realizar brevemente.

De acordo com a entrevista realizada com o professor Homero Gustavo Correia Rodrigues, em dezoito de novembro de dois mil e quatro, no momento como coordenador do PEC/RP/UFCG, o programa Estudante Convênio Rede Pública foi criado com a finalidade de atingir um público-alvo formado por professores que já possuíam uma carga-horária de oito horas diárias, para isso a UFCG procurou oferecer os cursos de Licenciatura no período noturno, possibilitando assim ao professor participar das aulas num turno fora do seu expediente de trabalho, porém, apesar de ter alcançado os seus objetivos, a UFCG vem cada vez mais perdendo sua clientela do PEC/RP/UFCG devido a quantidade de cursos “superiores” oferecidos aos finais de semana e com um período de término bem menor que o normal das Universidades. No entanto o Professor Homero tem dúvidas quanto a qualidade desses cursos, uma vez que eles são ministrados em diversos locais e não dispõem de uma biblioteca equipada e de orientadores, para não falar do corpo de professores, muitas vezes sem a qualificação efetiva.

Quanto ao tratamento dos estudantes PEC/RP/UFCG o Prof. Homero evidencia que os mesmos dispõem dos mesmos direitos, dos mesmos professores destinados aos outros alunos ingressos pelo vestibular convencional. Ele considera os alunos do PEC/RP/UFCG, como uma clientela especial, uma vez que em sua maioria são professores experientes e que trazem sua história de vida para o cotidiano da Universidade. Para o Prof. Homero, a Instituição de Ensino Superior tem um maior prazer em receber os alunos do PEC/RP/UFCG.

Ele observa unicamente quanto aos convênios o PEC/RP/UFCG tem passando por sérios problemas devido ao não cumprimento pelas prefeituras das cláusulas contratuais, o que denigre um pouco a imagem do programa que não rompe compromisso com os contratados para não prejudicar os estudantes que aqui chegam com bastante dificuldades.

Ao ser questionado sobre as limitações do PEC/RP/UFCG e os pontos positivos desse programa, ele afirmou que as limitações são decorrentes da distância da sede da UFCG e os outros municípios, o que faz com que os alunos cheguem atrasados e necessitem retornar mais cedo por causa da precariedade dos transportes. Como ponto

positivo, ele volta a questão da experiência dos professores, estudantes do PEC/RP/UFCG nos cursos de Licenciatura e da qualificação dos professores na educação básica.

Para encerrar a entrevista o Prof. Homero explicita que a UFCG está pensando seriamente na possibilidade de expandir seus cursos de Licenciatura fora da sede, isto é, para outras cidades-pólo, com a finalidade de melhorar o desempenho do professor sem que ele seja obrigado a se deslocar de uma distância muito grande para fazer sua graduação em Campina Grande. Porém esse é um sonho que a UFCG pretende concretizar.

CAPÍTULO III

CONTRIBUIÇÃO PEDAGÓGICA DO TEMA

Nesse capítulo busco apresentar a contribuição pedagógica do tema aqui exposto, para os cursos da área de Humanas e para o PEC/RP/UFCG.

Torna-se de primordial importância realizar uma reflexão crítica sobre em que sentido ou de que maneira essa atividade contribuiu para melhoria dos cursos de Humanidades.

Foi um trabalho elaborado não apenas como monografia de conclusão de curso, mas como um objeto de estudo e de análise que fornecerão subsídios para pensar num aperfeiçoamento melhor, não só no programa PEC/RP/UFCG como também na aprendizagem dos futuros estudantes que ingressarão na Universidade por meio do vestibular convencional ou pela inclusão no PEC/RP/UFCG assinada entre a Instituição de Ensino Superior (UFCG) e a Rede Oficial de Ensino (Estadual e Municipal).

Um dos primeiros pontos a ser abordado com bastante ênfase, é que a temática apresentada, com certeza dará sua parcela de contribuição no que diz respeito à função desempenhada pela Universidade enquanto instituição pública que ainda se mantém distanciada da sociedade, pois nem sempre interage com a história e vida de sua comunidade, principalmente a do curso noturno que chega a UFCG, em sua maioria, em programas como o PEC/RP/UFCG.

Espero, portanto, ter proporcionado uma reflexão mais apurada sobre a maneira de como a Universidade deve pensar seus objetivos e finalidades na sua proposta de acesso ao ensino público e de qualidade.

Vale salientar também que a qualificação dos professores do programa PEC/RP/UFCG constitui elemento primordial para a qualidade no Ensino.

Um outro fator a ser observado nesse estudo é que o PEC/RP/UFCG, contribui para uma maior participação no Ensino Superior, trazendo para seu convívio professores que por várias razões, jamais ingressariam na Universidade porque a sobrecarga de trabalho o impedia de frequentar cursinho pré-vestibular, aliada a distância geográfica da UFCG e a falta de um aparato estatal que garantisse o acesso a essa Instituição Pública de Ensino Superior. Todos esses problemas constituíam fatores que impediam e ou dificultavam tal acesso.

Apesar das adversidades acontecidas ao longo do curso, são muitos os concluintes que estão prestes a concluir o curso, o que demonstra ser um público extremamente engajado na necessidade de qualificação.

A educação não pode ser negligenciada e nós professores/estudantes de História, ao concluir o curso, poderemos contribuir para uma grande melhoria na educação ou pelo menos nas escolas que lecionamos, no tocante à reorientação de nossas práticas docentes, para além da reprodução do modelo da escola, baseado nas teorias tradicionais meramente preocupadas com: ensino, aprendizagem, avaliação, metodologia, didática e planejamento entre outras sem a devida qualificação.

Um dos traços desafiadores desse trabalho monográfico, consiste em criar situações favoráveis à superação dessas práticas pedagógicas ultrapassadas, pelo menos em parte porque o sistema de ensino ainda muito tradicional em nossas escolas tem proporcionado a abertura que o professor comprometido com as novas metodologias de ensino possa utilizá-la.

Contribui para melhorar a escola na qual leciono, no tocante a questão da própria necessidade que ela tem de ter em seu quadro de professores, pessoas capacitadas e capazes de realizar uma análise reflexiva sobre a função da mesma a partir do que o professor aprendeu e apreendeu no período de estudo na Universidade. Todavia, essa contribuição só poderá ocorrer mediante o interesse mútuo, isto é, o professor deverá empreender o debate com a escola a partir do momento em que perceber que o seu trabalho pode mudar positivamente a prática pedagógica e cabe a ela ser flexível e democrática para receber o “novo”, pois é esse professor recém-formado que a instituição irá colocar nos seus quadros administrativos e pedagógicos. No contexto social essa monografia também vai contribuir para melhorar o conhecimento adquirido na academia e nas suas experiências adquiridas no período de estudo, os professores mais capacitados, buscaram empreender mudanças nos conteúdos trabalhados.

Na escola em que leciono, esse trabalho contribuirá para que partindo do tema analisado, possamos entender melhor a história de vida de nossos alunos, suas dúvidas e incertezas e melhor, orientá-los nos diversos campos de nossas vidas.

Sabemos que foi por meio do programa PEC/RP/UFCG, que ingressamos em cursos de Graduação na área de Humanidade com a finalidade de melhorar nossos conhecimentos acadêmicos e atendermos as exigências do Ministério da Educação e Cultura presentes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Outro aspecto que destaco é a contribuição para os próprios gestores do PEC/RP/UFCG no que diz respeito algumas críticas, seguidas de sugestões que, se acatadas, ou pelo menos analisadas, trarão maiores benefícios para os estudantes conveniados, e a Universidade.

Primeiramente vou me reportar ao ingresso do bolsista na Universidade por meio de um vestibular considerado “diferenciado” que facilitou o ingresso de nós, professores da Rede Pública de Ensino na academia. Porém, logo percebi ao ingressar nos cursos PEC/RP/UFCG não somos informados sobre as cláusulas do contrato; quais os nossos direitos e obrigações e, muitas vezes, não sabemos a quem recorrer no caso de dúvidas e problemas. Gostaria portanto, que houvesse um melhor acompanhamento para os futuros ingressos nesse programa, que cópias do contrato não ficassem apenas nas mãos dos contratantes, que houvesse mais reuniões para se esclarecer as dúvidas dos estudantes.

O que recebemos são informações muitas vezes dispersas. Outro ponto importante consiste no fato de que, para viabilizar a qualificação desses professores/estudantes, o contrato apresenta cláusulas que afirmam que teríamos uma bolsa-auxílio para cobrir as despesas com os materiais do curso, transportes seriam disponibilizados pelas prefeituras; também teríamos a redução da carga horária para dedicarmos mais tempo aos nossos estudos. Nenhuma coisa, nem outra foi cumprido como deve ser, o que ocorre, na realidade, é que nos deslocamos de nossas cidades (muitas vezes bem antes) para a Universidade, em ônibus de outros municípios como caronistas, recebendo humilhações, saindo as presas da sala-de-aula antes mesmo do término das aulas, por receio de perder o horário do retorno para nossas cidades. Todos esses fatos aqui explicitados não nos foi repassado em palestras ou outro tipo de informação. Ela é fruto da busca incessante de alunas como eu que deseja ter subsídios coerentes para exigir seus direitos.

Com isso não quero desqualificar o programa, mas fazer com que se perceba as dificuldades e as lutas que um estudante do PEC/RP/UFCG tem para concluir um curso com todas essas adversidades, uma vez que temos que trabalhar e estudar ao mesmo tempo se desejarmos ter pelo menos a Licenciatura em algum curso na área de Humanidades.

Uma das maiores dificuldades que senti ao iniciar meu trabalho de final de curso, foi a falta de esclarecimento de onde buscar fontes para escrever a monografia sobre o PEC/RP/UFCG, além da entrevista realizada com o diretor do mesmo? Já que esse é um programa da Rede Oficial de Ensino, por que não fornece algum tipo de folheto explicativo para os seus usuários?

Outrossim, mesmo “sabedora” de que a função da UFCG na parte do contrato realizado com o Governo do Estado para qualificação dos professores de sua rede oficial de ensino é, somente proporcionar meios para recebe-los de forma não convencional ao seu vestibular oficial, não sendo de sua responsabilidade interferir nas prefeituras sobre as liberações e operacionalização dos deslocamentos para a universidade, sugiro que a UFCG solicite ao Secretário de Educação do Estado respostas quantos às grandes dificuldades abordadas pelas quais passamos, expondo que nessas dificuldades estão impedindo não só a qualificação, que é nossa de direito; assim como pondo em risco o próprio convênio PEC/RP/UFCG.

Todavia, mesmo com as adversidades apresentadas consegui terminar o curso de História nessa Instituição Federal de Ensino Superior; o aprendizado é, de fundamental importância para minha vida pessoal e profissional, com certeza contribuirá para minha vida pedagógica. Os conteúdos e metodologias trabalhadas constituem aprendizados fundamentais nos campos de nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decurso deste trabalho acompanhamos parte da trajetória de professoras/alunas PEC/RP do curso de História da UFCG observando a importância dos cursos de capacitação do profissional da educação para melhor qualificar o ensino público, uma vez que ele, como educador, torna-se responsável pela transformação de sua clientela.

Para isso o PEC/RP/UFCG firmou contrato com Órgãos Estaduais e Municipais no sentido de que os professores da Rede Pública adquirissem o curso de Licenciatura na área de Humanidades.

Nesse sentido o PEC/RP com certeza contribuiu para aproximar a Educação Superior das outras instâncias educacionais⁷, uma vez que é para esses outros locais que se destinam os estudantes recém formados.

Também esse professor PEC/RP recém formado poderá auxiliar com a experiência adquirida ao longo de sua trajetória na academia, outros novos conveniados, que com certeza ingressarão nos cursos de Humanas da UFCG.

O programa em análise forneceu mais subsídios, para nos levar a uma reflexão da nossa prática pedagógica dentro e fora do espaço acadêmico com a finalidade de empreendermos mudanças em nossa história de vida e no cotidiano da sala de aula.

⁷ Escolas Públicas e Privadas contendo o Ensino Fundamental e Médio

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSMANN, Hugo. *Pedagogia da qualidade em debate*; FELDENS, Maria das Graças. *Desafios na educação de professores: Analisando e buscando compreensões e parcerias institucionais*; MICOTTI, Maria Cecília. *O professor e as propostas de mudanças didáticas*; RUZ, Juan. *Formação de professores diante de uma nova atitude formadora e de eixos articuladores do currículo. in. Formação de professores/ organizadores Raquel Volpato Serbino... [et. al] – São Paulo: UNESP – (1998) – (Seminários e debates). pp. 85 – 217.*
- BITTENCOURT, Circe. *Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História*; JANOTTI, Maria de Lourdes. *História, política e ensino*; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. in. O Saber histórico em sala de aula/ Organizadora: Circe Bittencourt... São Paulo: Editora Contexto – (1997). pp. 11 – 66.*
- CHARTIER, Roger. *A visão do historiador modernista – in: Usos e abusos da História oral... Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas - (1996). pp. 215-218.*
- Entrevista com o professor: RODRIGUES, Homero G. Correia – Coordenador do PEC/RP/UFCG (2004)
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra – (1987). pp. 9-184
- HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarita. São Paulo: Companhia das letras (1995).pp. 13-70
- MENDES, Dumerval Trigueiro, *Filosofia da Educação brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (1983).pp. 60-62
- NADAI, Elza. *O ensino de História e a pedagogia do cidadão. in: PINSKY, Jaime (org). O ensino de História e a criação do fato. São Paulo: Contexto - (1988).*
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*; QUEIROZ, Maria Isaura. *Relatos orais: Do “Indizível” ao “Dizível”*. in: Von Simson. Experiências com História de Vida (Itália – Brasil). São Paulo: Vértice. (1988). pp. 15-43, 201-215.
- Questionários distribuído às alunas PEC/RP do curso de História/UFCG.

- TREBITSCH, Michel. *A Função Epistemológica e Ideológica da História oral no discurso da História contemporânea*; VILANOVA, Mercedes. *Pensar a subjetividade – Estatísticas e fontes orais*. in. História oral/Organizadora Marieta Morais... Rio de Janeiro: Ed. Diadorin. (1994). pp. 19-73.